REVISTA DE PSICANÁLISE



ANO 13 NOVEMBRO.2025 MACEIÓ.AL BRASIL "TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA
DO VOCÁBULO GREGO 'TOPOV', O
QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE
TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA
DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA
DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA,
LEMBRA, POIS, QUE A NOVA
REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA
PSICANALÍTICA".

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Lenilda Estanislau Soares de Almeida

VICE-PRESIDENTE

Fernando Barbosa de Almeida

TESOUREIRA

Maria Edna de Melo Silva

SECRETÁRIA

Maria do Socorro Tenório Neto C. Alves

COORDENADORA DA COMISSÃO DE FORMAÇÃO PSICANALÍTICA

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

COORDENADOR DA COMISSÃO CIENTÍFICA

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

COMISSÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo Heliane de Almeida Lins Leitão Nidyanne Porfirio da S. Pires Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira

COORDENADORA DA COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO

Stella Maris S. Mota

PROJETO GRÁFICO/ DIAGRAMAÇÃO Estúdio Grão

Estúdio Grão estudiograo.com

FOTO DE CAPA

Michel Rios



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

R. Dr. Ciridião Durval, 47 - Parque Gonçalves Lêdo, Farol

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

www.gpal.com.br

gpalmaceio@hotmail.com

@gpalmaceio

SUMÁRIO

- EDITORIALAna Lucila BarreirosBarbosa de Araújo
- TRAUMATISMO,
 SOFRIMENTO E A
 EXPERIÊNCIA ANALÍTICA
 Antonio Ricardo

Rodrigues da Silva

- GOZO: UM CONCEITO
 LACANIANO
 Lenilda Estanislau
- LACAN:

 UM "SIGNIFICANTE"?

 Esperidião Barbosa Neto
- O PSICÓTICO
 E SEU DELÍRIO

 Sara Guimarães Nunes

- OPORTUNIDADE E O
 RISCO: AS VICISSITUDES
 DA DEPRESSÃO NA
 TEORIA DE WINNICOTT
 - Heliane de Almeida Lins Leitão
- O DESENTENDIMENTO
 HUMANO NUM MUNDO
 HIPERCONECTADO: UMA
 DESSIMBOLIZAÇÃO DOS
 LAÇOS SOCIAIS?

Ruth Vasconcelos

O HIPER-REALISMO DE GIOVANI CARAMELLO:
UMA LEITURA
PSICANALÍTICA

Stella Maris S. Mota

EDITORIAL

É com imensa alegria que lançamos a 13^a Revista **TÓPICA** neste ano em que o GPAL comemora 33 anos de existência.

Sendo uma instituição orientada pela tradição freudiana e aberto à diversidade teórica no campo psicanalítico, o GPAL oferece aos seus membros a oportunidade de fazer da **TÓPICA** um lugar da transmissão e divulgação de suas pesquisas e produções teóricas, socializando os estudos que são realizados permanentemente.

Todos os textos foram apresentados na 14ª Jornada em novembro de 2024, cujo tema foi "Por uma Psicanálise implicada com o sofrimento contemporâneo". Nessa ocasião, contamos com a presença do psicanalista Antônio Ricardo Rodrigues da Silva, membro do Círculo Psicanalítico de Pernambuco (CPP), instituição com a qual temos mantido uma parceria frutífera por todos esses anos. Na Conferência de abertura "Traumatismos, sofrimentos e experiência psicanalítica", nosso querido colega trouxe valiosas contribuições sobre as noções do trauma des-

de quando Sigmund Freud formulou teorias que se desdobraram na Psicanálise com outros autores como Sándor Ferenczi, Donald Winnicott e Masud Khan. Essa abordagem destaca o manejo do analista com pacientes traumatizados e reconhece o quanto o contexto social pode exacerbar a traumatização dos sujeitos. Dada a importância do tema e da sua produção, fizemos questão de publicá-lo nessa edição.

Os demais artigos refletem o olhar de cada autor(a) por temas inspirados a partir das demandas contemporâneas e ancorados sempre na teoria psicanalítica.

Nessa perspectiva, alguns artigos trazem contribuições valiosas da 1ª e 2ª Clínicas de Jacques Lacan, como o da autora Lenilda Estanislau de Almeida, ao falar do gozo como um conceito central na Psicanálise contemporânea para a compreensão da

clínica do Real. No artigo de Esperidião Barbosa Neto, a ideia de ''significante'' no ensino do Lacan, instiga-nos a compreendê-lo na medida em que eleva a proliferação de significados, excluindo a possibilidade de sentido único da palavra e da verdade plena. Sara Guimarães Nunes, no artigo "O psicótico e seu delírio", traz considerações importantes sobre a psicose, o delírio e as alucinações, citando Freud, que apostou na existência de um sujeito na psicose e também do Lacan pelas contribuições na sua 1ª Clínica.

O artigo da autora Heliane de A. Lins Leitão traz uma reflexão psicanalítica, apoiada na teoria de Donald Winnicott, sobre a crescente demanda da clínica da depressão na atualidade e o quanto essa teoria amplia a compreensão e o acompanhamento desses sujeitos na escuta analítica.

Com o artigo "O desentendimento humano num mundo hiperconectado: uma dessimbolização dos laços sociais?", a autora Ruth Vasconcelos questiona o que a Psicanálise tem a ver e a contribuir nas reflexões sobre os impactos da realidade virtual e da primazia do imaginário na vida em sociedade e o quanto isso interfere nas trocas simbólicas e na forma do sujeito ser e estar no mundo.

E, finalizando as nossas produções escritas, temos o artigo da Stella Maris S. Mota, que foi instigada pela obra do escultor brasileiro hiper-realista Giovani Caramello; cuja arte, mesmo com toda a precisão da tecnologia, reflete uma subjetividade de suas inspirações, onde a autora propõe um diálogo com a psicanálise.

Desejamos uma ótima e proveitosa leitura da 13^a **TÓPICA**!

Ana Lucila Barreiros Barbosa de Araújo

Coordenadora da Comissão Científica e Editorial

TRAUMATISMO, SO-FRIMENTO E A EXPE-RIÊNCIA ANALÍTICA¹

ANTONIO RICARDO RODRIGUES DA SILVA

Psicanalista associado ao CPP - Círculo Psicanalítico de Pernambuco; Sócio do CPPL - Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem; Doutorado em Teoria Psicanalítica pela UFRJ; Mestrado em Psicologia Clínica pela PUC-SP; Especialização em Estudos Cinematográficos pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP.

RESUMO

Nesse trabalho intitulado "Traumatismo, sofrimento e a experiência analítica", o autor percorre
várias noções de traumático, desde que Sigmund Freud se debruçou
sobre esse fenômeno, formulando
teorias que se desdobraram na psicanálise com outros autores, desde seu contemporâneo, o húngaro
Sándor Ferenczi, até psicanalistas
mais tardios, como Donald Winnicott e Masud Khan. Nessa abordagem, há um destaque sobre o lugar
e o manejo do analista com esses

pacientes traumatizados e o apontamento do contexto social que exacerbam a traumatização dos sujeitos.

Palavras-chave: Traumatismo; Freud; Ferenczi; Winnicott; Masud Khan.

ABSTRACT

In this work titled "Trauma, Suffering, and the Analytic Experience", the author explores various Trabalho apresentado na XIV Jornada do GPAL - Grupo Psicanalítico de Alagoas, intitulada "Por uma Psicanálise implicada com o sofrimento contemporâneo" nos dias 29 e 30 de novembro de 2024, na cidade de Maceió, Alagoas. Este texto é uma versão reduzida do apresentado no evento.

notions of the traumatic, beginning with Sigmund Freud's engagement with the phenomenon and the theories he developed, which later unfolded in psychoanalysis through other authors — from his contemporary, the Hungarian Sándor Ferenczi, to later psychoanalysts such as Donald Winnicott and Masud Khan. In this approach, particular emphasis is placed on the role and handling by the analyst of these traumatized patients, as well as on the social context that exacerbates the subjects' traumatization.

Keywords: Trauma; Freud; Ferenczi; Winnicott; Masud Khan.

Arranhe o adulto e encontrará a criança. Sándor Ferenczi.

Freud inventou a psicanálise na passagem do século XIX para o XX, num processo de idas e vindas como clínico das chamadas à época "doenças dos nervos" e de seu espírito de cientista pesquisador, quando formulou um arcabouço teórico, metapsicológico, de teoria da clínica e uma ética.

A entrada para todo esse aparato construído ao longo de 4 ou 5 décadas foi certamente a experiência de dor e sofrimento expressas principalmente nesse período inicial pelas mulheres, reconhecidas como sofrendo de histeria, uma espécie de maldição feminina incrustada no corpo por conta da matriz biológica – o útero, centro gerador da vida, mas nessas mulheres, rebelde, desafiador.

A abordagem do traumatismo foi desde início o *locus* do trabalho do austríaco, que ouvindo seus pacientes, criou um vasto entendimento teórico sobre a constituição do humano, de sua psicopatologia e os meios técnicos terapêuticos de abordagem dessas mesmas psicopatologias.

O traumático e seus descaminhos será a pedra de toque de toda essa démarche empreendida por Freud nos anos finais do século XIX. Juntando clínica e pesquisa, Freud proporá uma teoria sobre a etiologia da histeria, construída na sua interlocução com seu amigo médico berlinense – Wilhelm Fliess e na qual apostou lhe trazer reconhecimento, fama e dinheiro.

A correspondência entre esses dois amigos revela os bastidores da construção dessas teorias, suas idas e vinda.

Uma carta particularmente, nos chama atenção por expor o espírito de pesquisador do Freud, sua capacidade de pôr-se a prova quando tudo parecia não mais funcionar, pois o que tinha desenvolvido como

teoria não se sustentava mais. Escreve então Freud na carta de 21 de setembro de 1897: "E agora quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despontando lentamente em mim nestes últimos meses. Não acredito mais na minha neurótica (Teoria das neuroses)" (Masson, 1986, p. 266).

Outro destaque é, ao meu ver, de que ao abandonar a sua "Neurótica", Freud tem em suas mãos as bases do que daqui a alguns anos será a psicanálise - "ciência natural" que ele inventará. Quais sejam esses elementos? Ao desconsiderar os dados de realidade das seduções reais relatadas pelas pacientes, pôde deduzir que se tratavam de fantasias dirigidas à personagens importantes da vida de seus pacientes, notadamente no caso das moças histéricas, à figura do pai, que adquire assim, a pecha de perverso. A conclusão lógica então é de que essas cenas foram fantasiadas, porque foram desejadas inconscientemente - aparecendo então o desejo edipiano desse contingente. Aqui a fantasia inconsciente será o motor da animação psíquica, fantasia que acoplada a pulsão, exigirá um trabalho imenso e conturbado do ego, que de improviso, tentará dar conta desses empuxos.

Rodrigué dirá que: "Freud, ao acabar com a "Neurótica", inocenta o pai, mas ele não quer que se case com a inesquecível Rebecca, ainda que Rebecca seja ele" (Rodrigué, 1995, p. 360). E segue:

A queda da Teoria da Sedução levou-o a concluir que esses relatos de assédio paterno eram fantasias, produto dos desejos incestuosos infantis e não acontecimentos reais. Em 1897, a lógica do mundo interno foi concebida como uma realidade imperiosa. Válida e vigente, ainda que anímica. Isso feito, aquilo que conhecemos como a meta da cura psicanalítica estava em marcha: a finalidade terapêutica radicava em revelar as fantasias infantis ocultas por trás das fachadas neuróticas (Rodrigué, 1995, p. 360).

Os anos de 1900 chegam e após uma receptividade parca ao seu livro fundador – "A Interpretação dos sonhos", Freud começa a ser acessado por interessados nesse novo saber, criando a Sociedade Psicológica das Quartas Feiras e na sequência a Sociedade Psicanalítico de Viena. São anos muito produtivos, onde textos fundamentais são escritos e a psicanálise começa a se expandir para além do círculo de interessados vienenses. O psiquiatra Suíço Carl Gustave Jung é um desses em 1906 e o húngaro Sándor Ferenczi em 1908.

Ferenczi será uma peça fundamental no estabelecimento da psicanalise como saber e terapêutica e também cuidará da dimensão de institucionalização da Psicanálise. Desde seu encontro epifânico em janeiro de 1908, Ferenczi será um interlocutor privilegiado de Freud. Já em 1908 apresenta no primeiro congresso em Salzburg o texto "Psicanálise e Pedagogia", aonde já aparece sua verve questionadora dos métodos educacionais da época e a importância da psicanálise tanto no tratamento das neuroses como de uma certa profilaxia. No encontro com Freud, Ferenczi apresentou uma espécie de carta de intenções de seu interesse pela jovem ciência, demonstrando um enorme conhecimento de suas teses e que iam na direção de seus interesses enquanto médico cuidador.

Além de criar a IPA a pedido de Freud, Ferenczi ocupou-se de consolidar a psicanálise na década de 1910, enquanto desenvolvia suas próprias ideias e ampliava a dimensão terapêutica da psicanálise com os pacientes que originalmente não eram alcançados pela psicanálise freudiana, realizando experimentos clínicos que ampliaram o escopo terapêutico até então estabelecido.

A guerra de 1914-1918 certamente foi uma experiência que colocou os psicanalistas desse tempo para pensarem sobre os efeitos desse conflito sobre as subjetividades, tanto dos que estiveram envolvidos diretamente no corpo a corpo dos combates, como das populações

civis, às voltas com o grande traumatismo produzido por essa guerra. As neuroses de guerra passaram a ser objeto de pesquisa e tratamento, sendo o congresso de Budapeste, de 1918 - o primeiro após o fim da guerra, o cenário onde essas preocupações foram apresentadas.

As dimensões de efetividade dos fatos precisaram ser levadas em consideração, acrescidas que foram às dimensões fantasísticas de como cada pessoa se coloca diante de uma situação potencialmente traumatogênica.

Essa dimensão será fundamental no desenvolvimento da teoria de Ferenczi, principalmente a partir de 1928, quando abandona a Técnica Ativa, estabelece a Técnica de Relaxamento e Neocatarse e parte para a fase final de sua obra, quando suas divergências com Freud ficam explicitadas.

Dal Molin (2016) dirá que:

Freud tem duas robustas teorias sobre o trauma, uma derivada da teoria da sedução e do conceito de *a posteriori*, e outra, desenvolvida com mais ênfase a partir de *Além do princípio do prazer*, em que o trauma aparece como evento disruptivo, de origem

externa, capaz de romper a camada de proteção contra estímulos e desencadear uma profunda alteração na economia psíquica. Ferenczi, por outro lado, desenvolve e aprofunda esta segunda teoria freudiana, mas a liga a experiências que remetem àquelas que pautaram Freud na defesa da teoria da sedução. Ele enfatiza que o trauma gerado pelos contatos passionais dos adultos com a criança forma, na verdade, um duplo choque. O evento é de fato disruptivo, ao modo dos fenômenos traumáticos descritos por Freud em 1920, mas se soma a ele a impossibilidade de contar com uma figura (um outro adulto) capaz de reconhecer e dar sentido à experiência de choque. O resultado é uma potencialização do trauma, e não sua elaboração (Dal Molin, 2016, p. 407).

Ferenczi ficou notadamente conhecido como um autor interessado fundamentalmente pelo tema do traumático e pelo desenvolvimento de técnicas terapêuticas para seu tratamento. Esse interesse pelo traumático aparece muito cedo, já nos seus escritos pré psicanalíticos quando formulou grandes críticas aos processos educacionais das crianças daquele tempo, como também da formação médica. Não é à toa que seu primeiro texto psicanalítico apresentado em 1908 no congresso de Salzburg denominou-se "Psicanálise e Pedagogia".

Como psicanalista, certamente Ferenczi abordou as narrativas de seus pacientes a partir de suas próprias fantasias defensivas, no entanto, nunca abandonou a dimensão de realidade desses fatos efetivamente terem ocorridos. Assim o Trauma é Para Ferenczi, nos diz Kathuni e Sanches, (2009), "um acontecimento concreto provocado por algum agente externo ao sujeito, nomeadamente um objeto externo" (Kathuni & Sanches, 2009, p. 401).

Trata-se, portanto, de uma sequência de cenas, que se desdobram, nos diz ele no seu texto "Confusão de língua entre os adultos e a criança – a linguagem da ternura e da paixão" de 1931. Nos diz Ferenczi neste texto: ".... um adulto e uma criança amam--se; a criança tem fantasias lúdicas, como desempenhar um papel maternal em relação ao adulto. O jogo pode assumir uma forma erótica, mas conserva-se, porém, sempre no nível da ternura". Esses adultos "Confundem as brincadeiras infantis com os desejos de uma pessoa que atingiu a maturidade sexual, e deixam--se arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas suas consequências" (Ferenczi, 2011a,

Dessa sequência teremos uma criança que pode a princípio sentir ódio, repugnância ou uma resistência violenta. No entanto, essas reações podem ser inibidas por um medo intenso. E Ferenczi explica: "As crianças sentem-se física e moralmente sem defesa, sua personalidade é ainda frágil demais para poder protestar, mesmo em pensamento, contra a força e a autoridade esmagadora dos adultos que as emudecem, podendo até fazê-las perder a consciência" (Ferenczi, 2011a, p. 117). E conclui:

(...), mas esse medo, quando atinge seu ponto culminante, obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas, e a identificar-se totalmente com o agressor. Se a criança se recupera de tal agressão, ficará sentindo, no entanto, uma enorme confusão; a bem dizer, já está dividida, ao mesmo tempo inocente e culpada, e sua confiança no testemunho de seus próprios sentidos está desfeito (Ferenczi, 2011a, p. 117).

Ferenczi introduz aqui uma noção muito importante na sua teorização que é o conceito de *Identificação com o Agressor* e também a noção de que esse estado de coisas, de confusão de língua, produz na criança uma desconfiança na sua própria percepção das coisas do mundo e de si própria, que terão consequências catastróficas no futuro. Esse qua-

dro se agrava, ainda mais, com um segundo tempo, quando a criança, culpada procura alguém muito significativo para ela e conta o acontecido. Esse adulto, geralmente a mãe, não reconhece esse relato como passível de ter acontecido, considerando uma tolice ou um agravo dirigido a alguém importante para a mãe. Instala-se então uma cisão na subjetividade da criança, que passa a desconfiar de si mesma, de suas percepções, com as consequências possíveis dessa equação - não saber mais nada de si, do que é fantasia e realidade, percepção e alucinação, bom e mal, certo e errado.

Kathuni e Sanches dirão que

O importante na teoria ferencziana do trauma é notar a ênfase dada
aos objetos externos. Desse ponto
de vista o embate ocorre entre o ego
e o objeto externo, não se tratando,
portanto, de um conflito prioritariamente intrapsíquico, como no modelo freudiano da teoria das neuroses.
A função do ambiente é crucial tanto
na gênese do trauma – no confronto violento entre o adulto e a criança
dependente – quanto em sua manutenção – pelo desmentido ou negação
do ocorrido à criança por parte dos

adultos implicados na situação traumática (Kathuni & Sanches, 2009, p. 401).

E concluem na direção do que nos interessa aqui: "Essa diferença da concepção etiológica do trauma criou a necessidade de toda uma modificação na postura do analista diante do paciente traumatizado" (Kathuni & Sanches, 2009, p. 401).

Na trilha de criar e desenvolver estratégias para tratar seus pacientes traumatizados, Ferenczi foi tanto criando noções, conceitos, como também ampliando a técnica de abordagem destes, como já apontei anteriormente. Duas dessas noções são fundamentais para entender a teorização e a técnica do húngaro. São elas a Empatia e o Tato Psicológico (Einfulhung) – "sentir o outro dentro de si". Presentes em sua teorização de final de obra, notadamente a partir de 1928, elas se interrelacionam, aparecendo em seus textos muitas vezes como sinônimos, mas com algumas diferenças.

Empatia, define Kahtuni e Sanches, é para Ferenczi

a tendência de o sujeito, no caso o analista, ser sensível às comunicações verbais e não verbais de seu paciente, podendo colocar-se em seu lugar, sem, entretanto, perder os referenciais próprios e, a partir de então, sentir e pensar como se fosse o paciente. A empatia, dessa forma, indica

uma habilidade relacional da identificação (Kathuni & Sanches, 2009, p.369).

Já sobre o tato, as autoras consideram:

Tato, por sua vez, designa tanto a capacidade de distinguir e escolher o momento justo da intervenção terapêutica adequada do analista quanto ao modo de realizar essa intervenção. O tato se relaciona com o ritmo e o tom da intervenção. Em outras palavras, o uso do tato psicológico pressupõe a pergunta quando e como intervir no relacionamento com o paciente, considerando sua história, experiência de vida, organização psíquica e necessidades psicológicas (Kathuni & Sanches, 2009, p.369).

Ferenczi diz no seu artigo "Elasticidade da técnica psicanalítica" de 1928:

Adquiri a convicção de que se trata, antes de tudo, de uma questão de tato psicológico, de saber quando e como se comunica alguma coisa ao analisando, quando se pode declarar que o material fornecido é o suficiente para extrair certas conclusões; em que forma a comunicação deve ser, em cada caso, apresentada; como se pode reagir a uma reação inesperada ou desconcertante do paciente, quando se deve calar e aguardar outras associações; e em que momento o silêncio é uma tortura inútil para o paciente, etc. (2011b, p. 31).

E o próprio Ferenczi se pergunta: "Mas o que é o tato? A resposta a essa pergunta não nos é difícil. O tato é a faculdade de sentir com (einfuhlung)" (Ferenczi, 2011b, p. 31).

O tato, portanto, implica na empatia, que por sua vez nos remete a alguns níveis de identificação. Mas diz respeito diretamente ao como fazer e quando fazer.

Outro psicanalista que se dedicou a questão do traumático foi o Paquistanês, formado na Sociedade Britânica de Psicanálise, Masud R. Khan (1924 – Jhelum-Paquistão – 1989 – Londres-Reino Unido) (1994). Khan dirá que "Todas as fases de elaboração teórica na psicanálise influenciaram o conceito atual de trauma e a sua avalição clínica" (Khan, 1994, p. 88). E proporá dividi-las em 5 estágios. O primeiro estágio iria de 1885 a 1905; o segundo estágio de 1905 a 1917; o terceiro de 1917 a 1926; o quarto de 1926 a 1939 e o quinto de 1939 até 1963, ocasião onde Khan escreveu esse texto – "A Noção de Trauma Cumulativo".

Já para essa última fase, a quinta que ele considera ir de 1939 até o período em que escreve este artigo que é o ano de 1963, afirma:

o desenvolvimento da psicologia do ego através das pesquisas de Anna Freud, Hartmann e outros, bem como a ênfase inteiramente nova dada ao relacionamento mãe-bebê, modificaram nosso próprio quadro de referência para o exame da natureza e do papel do trauma (Khan, 1994, p. 89).

Neste percurso, vimos como Freud vai passando pela questão do traumático. Primeiro a ênfase no trauma real, depois o abandono dessa dimensão de realidade factual dos dados oferecidos pelos pacientes e consequentemente o destaque, a ênfase na dimensão da fantasia, e consequentemente na investigação da fantasia com o desejo incestuoso, edípico. Mas também, com as reformulações das teorias da angústia e do aparelho psíquico, com a introdução da noção de desamparo e a relação inexorável deste com o apelo ao outro, logo, com o ambiente.

Daqui partirá para Khan, sua proposta de uma nova, outra perspectiva sobre o trauma - o trauma cumulativo: A partir do modelo conceitual freudiano, exposto no seu "*Além do princípio do prazer*" de 1920, Khan dirá que

Postulou Freud que a proteção contra estímulos é, para o organismo vivo, uma função quase mais importante que a recepção de estímulos. O escudo protetor é suprido de seu próprio estoque de energia e deve, acima de tudo, esforçar-se por preservar os modos especiais de transformação de energia em ação no mundo externo ... esse córtex sensitivo, que mais tarde se torna o sistema C (consciência), também recebe excitações a partir de dentro. Contudo, ele é menos eficaz contra os estímulos e internos, e uma das maneiras pelas quais o organismo se protege contra o desprazer provindo de tais estímulos é projetá-los no meio ambiente e tratá-los como se estivesse agindo não de dentro, mas de fora, de maneira que seja possível colocar em operação o escudo contra estímulos como um meio de defesa contra eles (Khan, 1994, p. 90).

Esse modelo freudiano, da constituição do organismo/aparelho psíquico e suas defesas contra estímulos, que será então utilizado por Khan para desenvolver seu argumento considerando que basta:

(...) substituirmos no modelo de Freud, a vesícula indiferenciada de uma substancia que é suscetível à estimulação, por um bebê humano e vivo e obteremos o que Winnicott descreveu como sendo um bebê sendo cuidado. O bebê que é cuidado tem como escudo protetor a mãe que toma conta dele. Trata-se de uma situação exclusivamente humana, na medida em que essa dependência do bebê dura muito mais tempo do que acontece em quaisquer outras espécies que conhecemos (Hartmann, 1939), e, deste período prolongado de dependência, o bebê humano emerge como um organismo mais altamente diferenciado e independente vis-à-vis o seu meio ambiente (Khan, 1994, p. 91).

A partir dessa constatação, Khan vai propor uma noção que consideramos muito importante no entendimento das dinâmicas envolvidas nos traumatismos. Trata-se do conceito de Trauma Cumulativo. Este trauma

(...) é o resultado das rupturas no papel da mãe, como escudo protetor, no decorrer de todo o desenvolvimento da criança, da primeira infância à adolescência, ou seja, em todas aquelas áreas de experiência onde a criança continua a precisar da mãe como um ego auxiliar que apoie suas imaturas e instáveis funções de ego". (...) O trau-

ma cumulativo, assim deriva das tensões e dos estresses que um bebê-criança experiência no contexto de sua dependência do ego quanto à mãe como seu escudo protetor e ego auxiliar (Khan, 1994, p. 91).

E Khan chama atenção para um detalhe importante quando diz que essas

(...) rupturas no papel da mãe como escudo protetor é qualitativa e quantitativamente diferente daquelas grosseiras intrusões causadas pela psicopatologia aguda da mãe, que foram amiúdes debatidas em nossa literatura com relação a crianças esquizofrênicas, ou manifestamente hostis, e a padrões destrutivos de comportamentos em crianças delinquentes. As rupturas que tenho em mente possuem a natureza de uma adaptação às necessidades anaclíticas do bebê (Khan, 1994, p. 92).

O papel da mãe como escudo protetor, diz Khan, "é uma síntese mental teórica". Inclui desde a mãe e seu papel pessoal, como também a "administração que dá ao meio ambiente não humano (o quarto do bebê, a caminha, etc.)" (Khan, 1994, p. 92).

Aqui temos uma ampliação da noção de escudo protetor. Ele é a mãe pessoal, mas também a mãe-ambiente e também todo o mundo físico e seus objetos materiais que envolvem o bebê e criam vários contornos, várias bordas que dão proteção para ele e vão se ampliando.

Do colo para o berço e o colo novamente, para o aconchego dos parentes no entorno, para o quarto e sua cortininha que o protege da luz intensa e de sons excessivos, da casa e seus limites, marcados pelo jardim e suas flores e pelo quintal e suas frutas e sombra. E daí pra rua, suas calçadas, suas praças e para a cidade com suas políticas de cuidado, ou não.

Khan dirá com relação a natureza e a função do trauma cumulativo:

Este tem os seus primórdios no período do desenvolvimento em que o bebê precisa da mãe e a usa como seu escudo protetor. Os inevitáveis fracassos temporários da mãe nesse papel são corrigidos e recuperados na complexidade e no ritmo em evolução dos processos de amadurecimento. Onde esses fracassos da mãe como escudo protetor são significativamente frequentes e conduzem a invasões da psique-soma do bebê, invasões que ele não possui meios de eliminar, eles estabelecem um núcleo de reação patógena, que por sua vez, dá início a um processo de interação com a mãe que é distinto da adaptação desta as necessidades do bebê (Khan, 1994, p. 97).

Um dos aspectos traiçoeiros do trauma cumulativo é que ele opera e se forma em silêncio, durante toda a infância, até a adolescência (Khan, 1994, p. 99).

E continua:

O que estou conceitualizando aqui como trauma cumulativo, já foi descrito por Anna Freud (1958) num outro contexto, quando diz "que um dano sutil está sendo infligido a essa criança e que as consequências dele tornar–se–ão manifestas em alguma data futura" (Khan, 1994, p. 100).

Vinte anos depois de seu artigo sobre o Trauma Cumulativo, Khan vai publicar em 1983 o artigo, "O rancor da histérica" capítulo de seu livro "*Passion, solitude et folie*", não publicado no Brasil.

O flanco aberto pela noção da mãe ambiente como escudo protetor da criança e do adolescente, defendido no artigo sobre o trauma cumulativo, se desdobrará aqui no encaminhamento que ele fará a partir de uma expressão sintomática – o rancor, como referido a uma certa problemática que aparece com o sinal trocado. Qual seria?

Digo melhor. Khan trabalha com a hipótese de que:

(...) o histérico, durante os primeiros anos de sua infância, responde às faltas de uma mater-

nagem suficientemente-boa com um desenvolvimento sexual precoce. As angústias e os afetos primitivos engendrados pela falta de um meio de sustentação (holding) apropriado e a ameaça resultante para a coesão do eu nascente são conjurados tanto pela intensificação quanto exploração dos aparelhos sexuais do eu-corpo (Khan,1997, p. 50).

No desenvolvimento psicossexual de sua infância, houve fuga em direção a uma sexualidade "genital" prematura que era um meio de enfrentar a imaturidade do eu (Khan, 1997, p. 52).

Defendendo essa ideia do rancor, Khan nos diz que: "Gostaria, finalmente, de voltar à hipótese de partida de Freud no que e refere ao papel do traumatismo real (a sedução) na etiologia da histeria". E afirma: "Há realmente um traumatismo real na etiologia da histeria, mas não é de natureza sexual. Está, antes, relacionado ao fracasso da mãe que foi incapaz de prover as necessidades do eu da criança" (Khan, 1997, p. 55). E ainda: "A maneira pela qual a criança se cura deste traumatismo através da exploração sexual das experiências do eu-corpo constitui o modelo de base que valerá para qualquer situação de stress e conflito que o histérico conhecerá posteriormente" (Khan, 1997, p. 56).

Considero que esse flanco das relações mãe-ambiente-bebê vão ser os caminhos de um aprofundamento da pesquisa sobre os traumatismos, que ampliam sua compreensão levando em conta tanto a situação de interação das pessoas e sua fantasmatização, como também o ambiente circundante desse bebê, incluindo a mãe, o pai, a família e o contexto social, histórico, de classe e raça.

Tanto Khan, quanto antes dele, Ferenczi, se interessaram amplamente pela teorização sobre os traumatismos e as estratégias terapêuticas para abordagem desses mesmos pacientes traumatizados. Parte importante da obra do psicanalista húngaro foi dedicada a criação de novos dispositivos para acolherem essa clientela, trabalho esse chancelado por Freud, desde o final da década de 1910. Esse interesse e a ousadia em propor novas abordagens, foi também um ponto de inflexão entre esses dois homens, notadamente a "Técnica Ativa", abandonada por ele em meados da década de 1920. Experimentos que continuaram com o "Princípio de relaxamento e neocatarse" (durante a década de 1920) e depois com a "Análise Mútua" no início dos anos 1930.

Todos esses experimentos estavam pautados na concepção de que os analistas não são neutros, não são uma tela em branco em seu

trabalho aonde os pacientes projetos seus conteúdos. E que esse reconhecimento possibilitaria abordar melhor as análises, utilizando esses mesmos materiais para conduzi-las.

Tanto Winnicott, como Masud Khan podem ser reconhecidos como tendo uma forte inspiração na tradição Ferencziana, tanto do ponto de vista da teoria como da clínica, na medida que propuseram grandes modificações na técnica e clínica com o intuito de abordarem pacientes, que não seriam alcançados pela técnica clássica freudiana.

Se reconhecemos que não somos neutros nem passivos, uma tela em branco ou superfície de um espelho puro, que operamos com nossa personalidade e que nossos pacientes nos percebem amplamente, mesmo que não o digam, podemos operar com as noções de empatia e sinceridade como grandes aliados no trabalho analítico.

Na situação analítica temos então dois infantis, isto é, uma dimensão inconsciente mútua, operando, se comunicando - o do paciente e do analista, e é o manejo dessa equação que dirá dos destinos dos traumatismos envolvidos nessa demanda de análise dirigida ao analista.

Esse manejo diz respeito ao reconhecimento do infantil do analista que deve operar, na dimensão do que chamarei aqui da posição adulto deste mesmo analista.

Para que o paciente tenha acesso ao seu infantil na repetição transferencial, faz-se necessário que o analista, a partir da identificação e da empatia opere no lugar de sustentação dessa tensão e isso se dá a partir de uma certa identificação, que, no entanto, deve manter a tensão, com uma distância psíquica "ótima", necessária para que o trabalho da análise avance.

Balint nos diz: "Aceitamos o fato de que não somos uma tábua em branco para o paciente e, portanto, retiramos uma arma importante da resistência" (Balint, 1935, p. 8). Esse reconhecimento é fundamental no manejo da transferência e pede de nós analistas, cautela, à medida que o infantil do analista e seus traumatismos também serão tocados. A sinceridade é um elemento central, aqui, no entanto é preciso cautela na medida em que não podemos sobrecarregar o paciente com nossas reações.

A personalidade real do analista está aqui implicada e é percebida em vários níveis pelo paciente e muitos analistas se defendem dessa proximidade, necessária ao trabalho, por medo que o paciente se aproxime demais deles, correndo o risco de assim perder a dimensão propriamente terapêutica do trabalho. Daí a sinalização que Balint faz em referência

ao próprio Ferenczi da importância da análise pessoal (a segunda regra fundamental da psicanálise, segundo o psicanalista húngaro) e da estabilidade psíquica do analista.

Os traumatismos do paciente rebaterão sobre o analista e este precisará reconhecer as dimensões de efetividade desses traumas, que virão de muitas fontes, principalmente em se tratando de um país como o Brasil. Essas fontes são desde catástrofes naturais, (muitas delas com a ajuda dos homens) passando pelas experiências de preconceito racial, de gênero, de orientação sexual, de classe social, vividas por milhões de brasileiros, cotidianamente, e que incluem também aparentes pequenos traumas, vividos nas relações familiares, escolares e de trabalho, que podem incluir desde a omissão até uma grave intrusão sobre as crianças e adolescentes, que produzem uma experiência de humilhação que podem desandar num intenso sofrimento que, se não acolhido, poderá dar ao sujeito destinos funestos.

A análise se constitui então como um *locus* de acolhimento desses pacientes e seus traumatismos, seja lá quais forem e o manejo transferen-

cial deve acolher e possibilitar que essas experiências de dor, sofrimento e desespero, possam, a partir desse acolhimento tomar um outro lugar, à medida que foram transformadas em experiência.

Todos os autores aqui citados se dedicaram a investigar clinicamente e construíram teorias, na tentativa de darem conta dessa dimensão presente na vida dos humanos desde muito cedo que é a vivência de algo traumático. Não é à toa que um autor como Sándor Ferenczi, advindo de uma cultura muito diferente da cultura brasileira tenha despertado tanto interesse entre nós brasileiros. Somos um país do traumático, das denegações e desmentidos. Estamos envoltos neles desde que essas terras foram encontradas, e a dita civilização ocidental aqui adentrou-se. O tema do traumático sempre foi a pedra de toque da psicanálise, razão de sua criação e Freud esteve sempre atento. Ferenczi talvez tenha sido o que nunca deixou essa dimensão desaparecer e insistiu até o fim de sua vida, na medida em que tomou a psicanálise como uma terapêutica capaz de auxiliar as pessoas a viverem de uma outra forma, melhor pra elas, mesmo com seus traumatismos. Nessa empreitada, excedeu-se no seu furor curandis, não seguiu os conselhos de seu mestre, foi isolado e se isolou, morreu muito cedo e sozinho. Foram necessárias várias décadas para que o valor de suas teorizações e suas preocupações clínicas voltassem a cena da psicanálise mundial. Mas,

antes tarde do que mais tarde. Seja bem-vindo Sándor ao país que insiste em re-traumatizar os seus.

O escritor Edoard Louis, um jovem de 32 anos, francês, branco, gay, vindo de uma pequena cidade chuvosa no norte da França, filho de um operário e uma dona de casa, inicia seu livro "Quem matou meu pai" de 2018, misto de autobiografia e ficção, com a seguinte questão: "Quando lhe perguntam que significado a palavra racismo tem para ela, a intelectual americana Ruth Gilmore responde que racismo é a exposição de algumas populações a uma morte prematura" (Louis, 2023, p. 9).

E Louis acrescenta:

Essa definição funciona também para o machismo, a homofobia ou a transfobia, a dominação de classe e para todos os fenômenos de opressão social e política. Se considerarmos a política como o governo de seres vivos por outros seres vivos e a existência de indivíduos dentro de uma comunidade que não escolheram, então política é a distinção entre populações com a vida sustentada, encorajada, protegida, e populações

expostas à morte, à perseguição, ao assassinato (Louis, 2023, p. 9).

A psicanálise é um dos *locus* aonde essas dimensões traumáticas múltiplas podem ser acolhidas e trabalhadas, colocando as pessoas em outras, novas, diferentes posições subjetivas e consequentemente objetivas no mundo social. Há uma parte do mundo que pede que lutemos por uma sociedade sem discriminação de qualquer ordem, e que também nos ocupemos dos atingidos traumaticamente por elas. Essa é uma das nossas tarefas.

REFERÊNCIAS

Balint, Alice (1935). Manejo e transferência com base no experimento ferencziano. Tradução de Gustavo Dean-Gomes (cópia cedida pelo tradutor).

Dal Molin, Eugênio (2016). O terceiro tempo do trauma. São Paulo: Perspectiva.

Ferenczi, Sándor (2011). *Obras Completas IV* (pp 111–121.). São Paulo: Editora Martins Fontes.

Ferenczi, Sándor (2011a). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In *Obras Completas IV* (pp 111–135). São Paulo: Editora Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).

Ferenczi, Sándor (2011b). Elasticidade da técnica psicanalítica. In *Obras Completas IV* (pp 29–42). São Paulo: Editora Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928).

Kahtuni, Haydée & Sanches, Gisela (2009). Dicionário do pensamento de Sandor Ferenczi. Rio de Janeiro: Elsevier.

Khan, Masud (1994). O conceito de trauma cumulativo. In Gregorio Khoron (Org.), *A escola Britânica de Psicanálise* (pp. 88–100). Porto Alegre: Artes Médicas.

Khan, Masud (1997). O rancor da histérica. In Manoel Berlinck (Org.), *Histeria* (pp. 49–59). São Paulo: Escuta.

Louis, Edoard (2023). Quem matou meu pai. São Paulo: Todavia.

Masson, Jeffrey (1986). A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887 –1904. Rio de Janeiro: Imago.

Rodrigué, Emilio (1995). Sigmund Freud – 1895–1995 – O século da psicanálise. São Paulo: Escuta.

GOZO: UM CONCEITO LACANIANO¹

LENILDA ESTANISLAU

Psicóloga formada pela FAFIRE (Faculdade de Filosofia do Recife), psicanalista e membro do GPAL.

RESUMO

Gozo é um conceito central na psicanálise contemporânea. Este artigo tem como objetivo discutir essa noção, fundamental para a compreensão da Clínica do Real ou da Segunda Clínica de Lacan, ainda que de difícil definição. Para isso, será feito um breve percurso por textos freudianos, a fim de destacar alguns dos fundamentos que permitiram a Lacan desenvolver, posteriormente, sua elaboração sobre o gozo.

Palavras-chave: Gozo; pulsão de morte; Supereu; Clínica do Real.

RÉSUMÉ

La jouissance est un concept central dans la psychanalyse contempulsion de mort;
Clinique du Réel.

poraine. Cet article a pour objectif de discuter cette notion, essentielle pour la compréhension de la Clinique du Réel ou de la Seconde Clinique de Lacan, bien qu'elle soit d'une définition difficile. Pour ce faire, un bref parcours à travers des textes freudiens sera proposé, afin de mettre en **évidence** certains des fondements qui ont permis à Lacan d'élaborer, par la suite, sa conception de la jouissance.

Mots-clés: Jouissance; pulsion de mort; Surmoi; Clinique du Réel. Trabalho apresentado na 14ª Jornada do GPAL com o tema Por uma psicanálise implicada com o sofrimento contemporâneo realizada em dezembro de 2024 em Maceió.

... | é a reconstituição completa da história do sujeito, que é o elemento essencial, constitutivo, estrutural, do progresso analítico. Lacan (1986, p. 21).

Gozo é um conceito central na psicanálise contemporânea. Os estudos sobre a teoria do inconsciente, a sexualidade e a ética permitem vinculá-lo a questões urgentes, como a drogadição, as psicoses, as formas atuais da angústia e o debate em torno das perversões.

Embora Freud não o tenha formulado como um conceito próprio de sua teoria, o termo aparece em seus escritos – e também em Lacan dos primeiros tempos - como sinônimo de prazer extremo, alegria intensa, júbilo, êxtase ou volúpia. Braunstein (2007, p. 12) observa que Freud recorreu ao termo Genuss (traduzido como gozo) para designar essas experiências de intensidade, enquanto reservou Lust para nomear o prazer. Para Valas (2001, p. 25), a diferença entre eles está justamente no caráter excessivo do primeiro (Genuss) em relação ao segundo (Lust).

Geralmente usamos a palavra gozo para nos referirmos à sua significação comum, aquela do dicionário: um sinônimo de prazer. É importante diferenciá-la, no entanto, de seu conceito na psicanálise. Nessa acepção, o gozo pode aparecer tanto como um excesso intolerável do prazer, quanto como uma manifestação do corpo mais próxima da tensão extrema, da dor e do sofrimento (Braunstein, 2007, dizer outra coisa senão gozo" (La-

p. 12). Entre esses dois sentidos, o comum e o psicanalítico, há sempre uma passagem sutil, quase imperceptível, de um para o outro.

O objetivo deste artigo é discorrer sobre esse conceito, imprescindível para se entender a Clínica do Real ou a Segunda Clínica de Lacan, e de difícil definição.

[Conceituá-lo] é uma tarefa impossível, pois o gozo, sendo do corpo e no corpo é da ordem do inefável, já que paradoxalmente somente pela palavra pode ser circunscrito, indicado. O gozo é o que escorre do discurso, mas contudo esse inefável é a substância mesma do que se fala ao longo de uma análise [...] (Braustein, 2007, p.12).

Como mencionado, Freud não conceituou o gozo em sua teoria, mas delimitou seu campo, situando-o além do princípio do prazer. Lacan avançou nessa questão: "eis porque podemos conceber que o prazer seja violado em sua regra e seu princípio, porque ele cede ao desprazer. Não há outra coisa a dizer - não forçosamente à dor, e sim ao desprazer, que não quer

can, 1992, p. 81). Faremos um breve percurso por textos freudianos para destacar alguns dos fundamentos que possibilitaram a Lacan, posteriormente, desenvolver o conceito de gozo.

Em Além do Princípio do Prazer, escrito em 1920, Freud define que o funcionamento do aparelho mental é regido por um princípio regulador denominado Princípio do Prazer que tem a função de buscar o prazer e evitar o desprazer, ou seja, fazer com que a quantidade de excitação permaneça a mais baixa possível. Ele vê a importância desta formulação, mas diz "que existe na mente uma forte tendência no sentido do princípio do prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas 'forças circunstanciais'" (Freud, 1996, p. 19). Freud (1996) também aponta que há fenômenos que não eram explicados por esse princípio: "o paciente não pode recordar a totalidade do que nele se acha recalcado, e o que não lhe é possível recordar pode ser exatamente a parte essencial" (p. 29)

Com seus pacientes, Freud já observara que o objetivo de tornar consciente o material inconsciente jamais seria completamente alcançado. Na clínica, vemos que quando não é possível recordar, o sujeito só pode repetir. Existe algo na repetição que não é da ordem do prazer. O que é repetido é justamente o doloroso, mostrando-se incompatível com o princípio do prazer.

Então, diante desse impasse, Freud considera como a tendência à compulsão da repe-

tição sobrepuja e excede o princípio do prazer. Encontramos essa observação a partir do estudo feito em relação aos sonhos reiterados e nas brincadeiras que as crianças não se cansam de repetir. Ele exemplifica o brincar infantil (fort-da) com a conhecida situação de seu neto de um ano e meio que usava o jogo do carretel para representar o desaparecimento e o retorno da mãe que certamente não era prazeroso para o bebê. O desaparecimento da mãe é doloroso e é repetido no brincar. É a partir da noção de compulsão de repetição que Freud reconhece não ser mais possível manter a suposição de que o aparelho psíquico é governado somente pelo princípio do prazer. Conclui afirmando que a compulsão de repetição é algo "mais primitivo, mais elementar e mais pulsional que o princípio do prazer que ela domina" (Freud, 1996, p. 34). A partir de então tem-se a elaboração da pulsão de morte na teoria psicanalítica.

Freud introduz um novo dualismo pulsional que é formado pela oposição entre pulsão de vida (pulsão sexual e de autoconservação) e pulsão de morte (autodestruição e agressividade) encontrando novas respos-

tas à clínica psicanalítica. No texto de 1924, Problema econômico do masoquismo, Freud diz que a pulsão de morte é abrandada pela libido, que tem a incumbência de tornar inofensiva a pulsão destruidora. Essa ideia ilustra que as pulsões de vida e de morte se apresentam, na quase totalidade dos casos, de maneira amalgamada. Não há exata explicação sobre esse amansamento da pulsão de morte pela libido. Pode-se presumir que em certos momentos possa ocorrer uma desfusão da pulsão de vida e da pulsão de morte.

Lacan (1979), no Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, afirma que o último termo de toda pulsão é a morte. A respeito desse ponto, Valas (2001) observa que:

A pulsão de morte seria redefinida por Lacan como sendo uma pulsação de gozo que insiste na repetição da cadeia significante inconsciente. O prazer e o gozo não pertencem ao mesmo registro. O prazer é uma barreira contra o gozo, que se manifesta sempre como excesso em relação ao prazer, confinando com a dor (p.7).

Segundo Braunstein (2007) "a pulsão de morte é a pulsão, pura e simples [...]. A substância verdadeira da pulsão de morte está do lado do gozo, da dor, da façanha" (p. 48-52). É com a acepção de pulsão de morte que Lacan irá constituir posteriormente o conceito de gozo como central em sua obra. A repetição 1915, o supereu vem a se constituir

coloca em ato a pulsão de morte que passa a exigir satisfação e se opõe à lógica do desejo inconsciente.

Para compreender o conceito de gozo, é fundamental abordar o supereu. Laplanche e Pontalis (2001), destacam que Freud introduz o termo (supereu) para designar "uma instância que se separou do eu e parece dominá-lo", (p. 498). Segundo Gerez-Ambertín (2003, p. 102), só podemos estudá-lo levando em conta os paradoxos da relação do sujeito com a instância paterna. Sobre isso, Gisela Rabelais (2012) explica que:

Ao mesmo tempo em que o supereu ordena ser como o pai, ele o proíbe. Não a meios para o eu atendê-lo, ficando-se sem saída. Ao ordenar o impossível de maneira imperativa, vemos que o supereu traz consigo uma lei contraditória por si só e, dessa forma, produz grandes aflições, produzindo um sentimento de culpa mesmo sem que o sujeito tenha cometido qualquer falta. Gera dor e o mantém preso nas amarras da culpa (p. 32).

No texto Luto e Melancolia, de

como a sede do ideal do eu e agente controlador do eu para que este possa se manter à altura de seu ideal. Por outro lado, Freud o define como um tirano, tão amoral e cruel quanto o Isso. De acordo com Gerez-Ambertín (2003):

Trata-se [o supereu] de uma instância enigmática enlaçada aos complexos de Édipo e de Castração. Embora ele seja constituído a partir da resolução das tramas edipianas, é um equívoco considerar o supereu apenas o herdeiro do complexo de Édipo, ele é também herdeiro do Isso o que faz com que ele não examine a realidade propriamente dita no momento de realizar seus julgamentos, o que está em jogo de fato são as vicissitudes da pulsão (p. 109).

Ao falarmos sobre os conceitos de repetição, além do princípio do prazer, pulsão de morte, masoquismo e supereu, nos aproximamos de entender quais foram as bases da teoria psicanalítica que permitiram a elaboração do conceito de gozo. Lacan (2008) articula a exigência e uma satisfação mortífera extraída pelo sujeito dessa exigência imperativa. Ele afirma que o imperativo do supereu é goze!: "Nada força ninguém a gozar, senão o supereu. O supereu é o imperativo do gozo - Goza!" (Lacan, 2008, p. 110). Há uma dimensão feroz e tirânica que é causa de grande angústia e de ações inteiramente insensatas.

Para exemplificar o conceito de gozo traremos alguns recortes de um caso de um jovem atormentado com alguns pensamentos: "os pensamentos sempre me vêm para me sentir culpado, sempre tenho que pensar que fiz algo errado"; "tem uma garota, eu sei que não estou tarando ou pensando nela, mas o pensamento invade dizendo que eu olhei para o corpo dela e que eu estou errado e devo contar para a minha namorada"; "fui ver o Instagram do meu primo e tinha uma foto dele com a namorada. Então vem os pensamentos intrusivos, fiquei pensando: eu olhei o bumbum dela e isso não está certo". Segundo Valas (2001):

O desejo está ligado à Lei de interdição do incesto (consubstancial às leis da linguagem), que proíbe o gozo ao sujeito falante – e aliás, é por isso que ele pode ter acesso ao uso da palavra. Mas, ao mesmo tempo, o gozo só começa a existir e só nos interessa a partir do momento em que falamos dele. E pelo ato da palavra, ele sofrerá uma profunda modificação (p.8).

Enfim, o gozo é vivido mais como sofrimento que como prazer e se

inscreve de modo singular em cada corpo, escapando a qualquer medida comum (Rabelais, 2012, p. 43). Finalizaremos com uma citação de Valas (2001): "A psicanálise não é o mundo do ser nem das coisas, mas do desejo e do gozo, e é pelo desejo e pelo gozo que a existência humana assume o seu caráter de drama. Sem o desejo e sem o gozo, as noções de vida e de morte não teriam nenhum sentido." (p.8).

REFERÊNCIAS

Braunstein, Néstor (2007). *Gozo*. São Paulo: Escuta.

Freud, Sigmund (1996). Além do princípio do prazer. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, Sigmund (1996). Problema econômico do masoquismo. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, Sigmund (1996). Pulsões e suas vicissitudes. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

Gerez-Ambertín, Marta (2003). *As vozes do supereu*. São Paulo: Cultura Editores Associados, Caxias do Sul: EDUCS.

Lacan, Jacques (1986). O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953–54). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1975).

Lacan, Jacques (1979). O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964).

Lacan, Jacques (1992). O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1969-70).

Lacan, Jacques (2008). *O Seminá-rio, livro 20: Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1972–73).

Laplanche, Jean & Pontalis, Jean-Bertrand (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Rabelais, Giselle Wendling (2012). A devastação na relação mãe e filha como efeito do gozo feminino. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Valas, Patrick (2001). As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN: UM "SIGNIFICANTE"?¹

ESPERIDIÃO BARBOSA NETO

Doutor em Psicologia Clínica (Universidade Católica de Pernambuco).

Mestre em Psicologia Clínica. Especialista em Filosofia Política, Psicologia Social e
Psicopedagogia. Graduado em Psicologia. Professor da Universidade Federal de
Alagoas e Membro do GPAL.

RESUMO

A escrita lacaniana não é fácil de ser compreendida. Leitores dedicados a esses textos se esforçam; para quem inicia, a barreira pode ser angustiante. O desafio nos parece pertinente, considerando-se a ideia de significante e natureza do objeto de estudo. A descrição do sofrimento psíquico, e impossibilidade de deciframento último do inconsciente, não cabem em texto simples de ilusória clareza. O caráter opaco do ensino de Lacan é positivo na medida em que eleva a proliferação de significados, excluindo a possibilidade de sentido único da palavra e verdade

plena. Objetivamos associar o estilo do texto lacaniano à ideia de Significante, realçando o caráter "ilegível" de ambos e argumentando sua positividade. Abordaremos sobre o psicanalista Lacan, o significante, a ilusão de univocidade de sentido e verdade absoluta.

Palavras-chave: ensino lacaniano; sentido; letra; significante.

Trabalho apresentado na 14ª Jornada GPAL, Maceió-AL, 29-30/11/2024.

ABSTRACT

The writing of Lacan is not easy to comprehend. Dedicated readers of these make an effort; for beginners, the barrier can be distressing. The challenge seems pertinent to us, considering the concept of the signifier and the nature of the object of study. The description of psychic suffering and the impossibility of ultimately deciphering the unconscious cannot be contained in a text of simplicity and illusory clarity. The opaque character of Lacan's teaching is positive insofar as it elevates the proliferation of senses, excluding the possibility of a single sense of the word and full truth. We aim to associate the style of the Lacanian text with the idea of the Signifier, highlighting the "illegible" character of both and arguing their positivity. We will discuss the psychoanalyst Lacan, the signifier, the illusion of univocity of meaning and absolute truth.

Keywords: Lacanian teaching; meaning; letter; signifier.

INTRODUÇÃO

Eu tô te explicando Pra te confundir Eu tô te confundindo Prá te esclarecer (Tom Zé, 1976) O estilo do texto lacaniano é complexo, há quem diga. Estranha leitura para iniciantes. O próprio Lacan (1985) se reconhece desafiador, ou de pouca clareza. Ele mesmo disse: "esses Escritos não se lêem [sic] facilmente" (p. 38).

Para entender, pelo menos, um mínimo de Lacan e seu ensino, é necessário pensar a ideia de significante. A marca, ou o traço, é a letra deste trabalho. Nosso objetivo é associar o estilo da construção do ensino de Lacan à ideia de Significante, realçando o caráter "ilegível" de ambos, com ênfase sobre a insustentabilidade de concepções absolutistas e univocidade de sentido. Apresentaremos 1) o psicanalista Lacan, brevemente, pontuando o estilo "opaco" do seu discurso; 2) o Significante, na relação paradoxal com a letra; por fim, 3) legibilidade, univocidade e verdade absoluta, positivando o caráter "ilegível", para repercutir a inconsistência desses termos no campo da subjetividade.

LACAN

Jacques-Marie Émile Lacan foi, talvez, o mais célebre dos psicanalistas depois de Freud. Ele viveu praticamente todo o Século XX (França, 1901–1981). Tornou-se médico psiquiatra. Sua tese de doutorado, em 1932, sobre *Psicose paranói-ca*, foi entregue, pessoalmente, a Freud, embora não se saiba a respeito da impressão do criador da psicanálise.

Lacan teve grande identificação com Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770–1831), Sören Aabye Kierkegaard (1813–1855), Sigmund Freud (1856–1939) e seu amigo Claude Lévi–Strauss (1908–2009), dentre outros.

Sua produção teórica se compõe de lições constituídas basicamente por seminários, com posterior transcrição para edições publicadas, sob orientação de Jacques-Alain Miller (25 Seminários). Os livros "Escritos" e "Outros Escritos" fogem ao modelo das transcrições. Nesse percurso, primeiro Lacan faz uma leitura das obras de Freud (os 10 primeiros seminários); depois, gradualmente, vai inserindo seus próprios conceitos, porém não deixando de retomá-los a partir do mestre.

Este ensino foi construído por avanços teóricos através de retornos. Como diz o próprio Lacan, em passagens da sua teoria, muitas vezes há que se dar dois ou três passos para trás na esperança de um à frente. Desse modo, o leitor não encontra determinado conceito em apenas um dos seus livros, capítulo ou item; cada ideia, paulatinamente elaborada, encontra-se disseminada por todos os textos. Miller (2002, p. 14) afirma: "Lacan passa e volta a passar pelos mesmos pontos, dando-lhes sucessiva-

mente diferentes leituras". Acrescentamos nós: Isso nunca termina.

Miller (2002) observa que a obra lacaniana, para o leitor apressado, é extremamente opaca; nem sempre há segurança se a palavra empregada representa o sentido do uso habitual corrente. Tal efeito se deve à amplidão dos meios retóricos utilizados, recursos homófonos (mesma pronúncia) da língua, recorrência a pensadores de diversas áreas do conhecimento, formas de dizer e, sobretudo, de subverter ditos clássicos estabelecidos como "verdades". Recursos estes que configuram o caráter discursivo, e nele, a primazia do significante.

O estilo lacaniano é pertinente à psicanálise freudiana, na medida em que se trata de deciframento do inconsciente. Os elementos desta dimensão iludem a censura da consciência, pelas diversas formas de aparição – espécie de furta-cor – a exemplo da *condensação* e *deslocamento* na teoria dos sonhos (Freud, 1972).

O SIGNIFICANTE

Somos feitos de imagens borradas; outras apagadas de vez. Marcas do início da vida, não alcançadas pela memória. Mesmo fora da consciência, elas não se dissiparam. Sedimentam a realidade psíquica e, à revelia do sujeito, tramam; geram sentimentos/sintomas de toda ordem, cuja origem é ignorada.

No Seminário 9, Lacan (2011) diz que a experiência infantil não é idêntica à retomada dela posteriormente. Ele ilustra: mostra-se uma bola à criança; esconde-se a bola e mostra-se novamente, mas desta vez não é a mesma coisa. Isso para afirmar que *A é diferente de A*. A=A é uma crença, diz o texto, porque "*A não pode ser A*" (p. 53). Então, cada experiência subjetiva é única: a cena original (traumática) é *Um*; a repetição dela é *Um*; a cada vez que o recalcado aparece é uma nova experiência, oriunda da mesma matriz.

O que desapareceu é um fonema, rastro do que se perdeu e espera ser lido. Melman (2004, p. 139) explica que é impossível retornar à sonoridade das primeiras experiências infantis, quando mãe e bebê se comunicavam por lalação. Não há memória capaz de reacender o que já se apagou, apenas o registro inconsciente da "primeira escrita representativa do objeto". Lacan (2011) diz: aquilo que pode ser lido se compõe no só depois: "É somente muito mais tarde que encontramos o rastro [traço] de algo (...) que é significante" (p. 59).

Lacan visitou o Museu de Arqueologia Nacional Saint-Germain, na França. Viu uma costela de mamífero, registro de milhares de anos. O osso tinha marcas, "uma série de pequenos bastões, dois primeiramente, logo um pequeno intervalo, depois cinco, e depois recomeçando" (Lacan, 2011, p. 58). Ele diz: não há semelhança entre eles, "cada um desses traços não é, em absoluto, idêntico àquele de seu vizinho" (p. 59). A diferença está na experiência do sujeito. E interpreta: sou caçador,

pegar um animal não era muito mais simples naquela época, [...] era uma aventura! Parece que logo após ter atingido o animal, era preciso bater nele longamente, para vê-lo sucumbir ao que era o efeito do veneno. Mato um, é uma aventura, mato outro, é uma segunda aventura que posso distinguir da primeira por certos traços, mas que se assemelha essencialmente à primeira, por estar marcada pela mesma linha geral. Na quarta vez, pode haver confusão, o que é que a distingue da segunda, por exemplo? Na vigésima, como é que me situarei, ou mesmo, como é que saberei que acabei com vinte? (p. 59).

O traço é metafórico. Em nós, essa marca é a *Letra*, resíduo fora

de qualquer contextualização aparente. Ela foi apagada, não pode aparecer, mas insiste, permanentemente, em forma de repetição. Apenas elemento mínimo e sem sentido; ponto de fixação do que foi recalcado e habita o inconsciente.

A letra não é significante, mas dá consistência a ele. Para Lacan (1985), tudo que encontramos na "escavação" da análise é letra, e ela não se esgota. Porém, somos barrados a ela, que mesmo assim insiste em transpor a barra, e quando isso ocorre temos o Significante. Este não quer dizer nada, a não ser quando faz cadeia com outros significantes é possível algum sentido. Neste caso, a função de letra cai, desliza, escorrega deixando apenas vestígio de sombra. Então, o significante é apenas uma relação.

A letra é paradoxal: ao tempo em que dá consistência ao significante ela pode emperrar a cadeia, mantendo-se em sua função de letra. Isto é, o objeto a pode funcionar como significante, ou não.

Um fragmento clínico: C. encontrava-se na análise há onze meses, completaria 36 anos de idade dali há duas semanas. Procurou o tratamento pelo fato de "não fazer as coisas de modo certo": tarefas domésticas, negócios, casamento, gravidez (ainda não tinha engravidado), dentre outros. Até então, trazia à fala, embora aos poucos e fragmentadamente, um (ou uns) acontecimen- palavra, é o som que me confunde".

to da infância: havia sofrido abuso sexual, mas não considerava ter sido "abusada".

Numa sessão, disse ter descoberto certo termo com o qual se identificava: "me sinto segundo a definição dessa palavra". O problema é que não se lembrava qual a palavra, embora tivesse trazido à mente nos últimos dias, inclusive antes da entrada na sala de análise. Persistia em se lembrar, sem êxito: "estou bloqueada". Sugeri que falasse sobre outras coisas, o que fosse lhe surgindo; depois poderia se lembrar daquilo que procurava. Ainda assim, a paciente não conseguia falar.

Tentei escutar o silêncio de C.: "por favor, enquanto não consegue, vá me falando o que se passa na mente, sejam fragmentos ou pedaços de memória, coisas tolas, sem sentido, mesmo os absurdos que passam pela sua cabeça; qualquer sonoridade". Funcionou, ela se pôs ao esforço: "é... a palavra é... ensistada – não, não é nada disso" (apres– sou-se em corrigir). Depois: "ensistida - não, não; mais longe ainda... Insistida... insistir, insitada... (ia esclarecendo a grafia: com "s"), ensitada... - não, ainda não é a minha

Nesse ponto, observei: "você pronunciou 'excitada', ou não?" Ela fez silêncio, e não negou a pertinência da pergunta; depois admitiu o termo – "tem a ver comigo, sim, mas não é a palavra que procuro". Fiz a paciente notar que o termo "excitado" tinha a ver com sua queixa (a procura de outros homens além do marido). É nesse momento que C., jubilosamente, encontra o que procurava: "enquistada!', eis a palavra!".

O dicionário Aurélio (Ferreira, 1989) oferece, à palavra da paciente, o termo "enquistar" (p. 291), cujo significado conduz ao substantivo quisto - transformado em quisto: "cavidade fechada onde se acumulam secreções que, anormalmente, não podem escoar-se" (p. 613). Desse modo temos, por um lado, "enquistada", por outro, "excitada". Esta última como "achado", uma outra verdade do sujeito a partir dos significantes "ensistada", "ensistida", "insistida", "insistida", "insistida", "ensitada".

C. viveu, na infância, experiência masturbatória com um adulto. Não soube dizer se uma ou mais vezes, nem de qual homem se tratava. Também não se lembrava quem começou aqueles manuseios recíprocos (enquanto acariciava o órgão genital masculino, ele tocava a genitália dela). A paciente fez uma ressalva: "não sei quem iniciou, mas entendo, agora, que ele não devia ter feito aquilo".

Outro ponto importante, neste caso, foi sua queixa ao iniciar a análise: "não conseguir fazer nada certo". Até ali, ela não relacionava o

sintoma à experiência infantil (traumática). O sofrimento pelo qual buscou o tratamento consistia, dentre outros, à procura de homens, pelos quais "era atraída" (fato este muito vergonhoso para ela, visto sua moral rígida a ponto de repugnar o próprio modo de sentir); também havia o fato de não conseguir engravidar: "às vezes eu nem quero, ou não posso". De qualquer modo, ela incluia certos tipos de "descuidos" no cotidiano, no rol dos seus "erros".

O sintoma é patrimônio do sujeito, no tratamento ele não é dirimido definitivamente. O efeito do trauma, especificamente se tratando do real, sempre pode ser contornado, cujas elaborações simbólicas abrem-se para novas vertentes de sentido; por isso nunca se esgota. É graças a isso que o trabalho psíquico tem êxito e cada um segue a vida. C. avançou no tratamento, inclusive tendo iniciado uma gravidez bem sucedida; o filho nasceu depois da análise.

O pensador Sören Kierkegaard (2008), frequentemente citado na escrita lacaniana, utiliza o método da dialética hegeliana para pensar o conhecimento e, sobretudo, a angústia do homem. Trata-se da rela-

ção entre dois contrários cujo desdobramento faz surgir um terceiro como nova posição. Isto é, a tese, a antítese e a síntese, de modo que esta última não é uma ou a outra, e menos ainda o somatório das das duas anteriores; ela é alternativa. Esse filósofo vai além de Hegel; ele avança mostrando que a síntese não chega a se consolidar como tal. Na dialética kierkegaardiana a síntese, na medida em que vai se produzindo como solução entre os dois contrários, já aponta para algo que lhe faz oposição. Desse modo, o processo é infinito, sempre se jogando com os contrários, cuja síntese não se constitui como última solução. A verdade última é opaca.

Outro caso clínico ilustra bem este efeito analítico, segundo o artigo *Corpo cuidado*, esquecido e simbólico (Barbosa Neto; Rocha, 2013). O tratamento deu mostra de seu final quando o paciente, após significativas mudanças, compreendeu o fato de que precisava cuidar de outras coisas da sua vida, pois havia sofrido desejada transformação: "Finalmente, convenceu-se de que todo o progresso obtido foi, apenas, provisório, haveria de procurar, durante a existência, sem descanso, uma nova forma de ser" (p. 21). Ela se compreende inacabada.

LEGIBILIDADE, UNIVOCIDADE, VERDADE ABSOLUTA

Aquilo que se apresenta com sentido explícito se pensou. Viver nem não é (sic) muito é pobre porque subestima a inteligência huperigoso?" (p. 42). A "travessia" la-

mana, limitando vertentes de sentido. Nada existe sem lacuna, segundo o olhar humano. O que aparece completo é ilusório ("sou um livro aberto").

Uma escrita, quanto mais ilegível for, maior a possibilidade de sentidos. Lacan (2011), ao fazer a leitura das marcas no osso pré-histórico do museu da França, parece nos dizer que a sua não é única. Ou seja: o caráter ilegível do objeto impossibilita sua elucidação definitiva, e este é o caso do humano.

Pensemos o método Rorschach (2009). Suas manchas apontam para respostas inimagináveis, fora de qualquer padrão. Seria congruente vê-lo como um "tesouro gerador de significantes", embora não exatamente à referência lacaniana? O "exato" não é da ordem do humano; contar uma história de modo reto, com início, meio e fim, calculadamente, omite a natureza subjetiva. Guimarães Rosa (1994), ao pensar a existência, diz: "Eu atravesso as coisas [...]. A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é (sic) muito

caniana é cheia de retornos e repetições diferenciadas, a cada vez ela ancora em lugar diferente.

Se o significante é ilegível devido a sua própria natureza, apreendê-lo exige uma espécie de chafurdo psíquico e consequente ginástica mental. Não por acaso, o próprio Lacan (1985) se reconhece ilegível. Referindo-se ao livro sobre a letra, ele disse: "esses Escritos não se lêem [sic] facilmente [...]. Eu pensava que eles não eram para ser lidos" (p. 38). E, no mesmo seminário 20, cita autores desse quilate, tais como Philippe Sollers (escritor francês, nascido em 1936) e James Joyce (no seu último romance, Finnegans Wake, publicado em 1939). Assim, pensamos os autores criativos de um modo geral.

Se, ainda, a natureza da cadeia significante é produzir sentido infinitamente, não há verdade absoluta, nem sentido único em cada coisa ou palavra. O ensino lacaniano nos provoca nessa direção, abstendo-se de fórmulas, cujas ferramentas para o saber são dadas prontas. Nesse contexto (do significante lacaniano), o significante é elevado à dignidade de sobreposição ao significado, marcado com S (maiúsculo), cuja barra que os separa é densa. Quer dizer, ele é primazia, e o sujeito (significante) é barrado a uma significação última. Essa barreira intransponível impede um todo-saber, e ao fazê-lo retroalimenta a proliferação significante. Desse modo, não há o último; o inacabado é a condição do humano: "um signifi-

cante, por seu lado, nunca é o único e nem é absoluto" (Miller, 2002, p. 108).

Associar livremente conduz à função significante da palavra, rompendo-se o código linguístico convencional. O sentido prolife-ra a partir do "sem-sentido" aparente. Como diz o poeta: de "vez em quando é bom se perder / Perdido fica perguntando / Vai só procurando e acha sem saber" (César, 2017).

A escuta do analista fecunda essa função significante àquele que não sabe nomear seu sofrimento. Forbes (2014, p. 47) conta sobre a primeira sessão de um paciente: o homem, certamente, teria escutado repetitivos dizeres do tipo "eu sei o que o senhor está passando"; "imagino seu sofrimento"; "posso avaliar pelo quanto tens sofrido", etc. Ali, na análise, este homem "perguntou, com voz sofrida e embargada", se ele, o analista, "tinha alguma ideia do que era acordar pela manhã, pegar a bengala, olhar a porta do banheiro entreaberta e não saber se ainda iria conseguir me(se) levantar". A resposta do analista foi imediata: este se aproximou "para responder delicadamente, mas com

firmeza: 'Eu não tenho a menor ideia!'". Nessa condição, afirma Jorge (2022, p. 96), o analisando foi "instado a falar sem se pré-ocupar com o sentido do que diz, sem se sentir coagido pela vergonha que algo pode lhe causar, sem se interrogar com o que o analista vai achar acerca do que ele está dizendo".

Sofrimento psíquico não é um termo absoluto; a dor é subjetiva. O analisando, enquanto fala, funda a escuta de si mesmo; daí, podemos dizer que o falante escuta significantes a partir das suas próprias palavras. Sim, na medida em que a fala, na análise, tem como destino o próprio sujeito, ele produz sentidos diferentes em relação às mesmas palavras ou frases pronunciadas antes e durante o processo analítico, também conforme os momentos da análise.

No contexto do que apresentamos, o estilo significante não se reduz ao processo clínico. Não confundimos o trabalho da escrita com o analítico, apenas observamos que Lacan utiliza, metódica e propositadamente, a significantização; ele parece seguir a lógica significante para com o leitor/psicanalista. Marco Antônio C. Jorge (2022) afirma que pelo fato de o analista ser atravessado pelo inconsciente, ele deve "esperar que a significação inconsciente seja produzida em algum momento" (p. 109), e, na sequência, pontua: "Lacan resume essa atitude formulando que o analista não deve introduzir seus significantes na análise do sujeito" (p. 110), porque isso levaria o analisando a filme, livro, etc.); o papel do lei-

associar a partir de significantes--mestres, isto é, da sugestão, desse modo impedindo à dimensão de significantes do próprio sujeito. Então, há de esperar, também, que o leitor psicanalista produza além do que se encontra escrito, no caso, o ensino lacaniano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lacan não se fez para ser compreendido, mas pensado. Ele se vestiu de significante para que seja inconclusa a elucidação do objeto, evitando a falsa ilusão de completude. Seu ensino proporciona um saber inacabado, cuja construção, reformulada durante a trajetória da vida pessoal, possa inovar-se posteriormente a sua morte. Assim, cada reformulação dos seus conceitos não desconsidera as posições anteriores; o todo é constituído como espécie de teia. Não se conhece a teoria lacaniana detendo-se, apenas, às últimas lições. Lacan foi inventado para ser criado e recriado.

O defeito de Lacan é não dar spoiler (do inglês "to spoil": estragar; tipo de informação, ainda que sutil, reveladora do enredo de um

tor/psicanalista é descobrir e recriar. Para a psicanálise, desde Freud, não é ético dar/produzir/revelar o sentido supostamente "último" de representação do afeto (salvo certos encaminhamentos, e de forma gradual); mas apenas auxiliar o analisando nesse processo.

Voltando à epígrafe com a qual foi iniciado o presente texto, o compositor utiliza os termos confundir e esclarecer, nesta ordem ("Eu tô te explicando / Pra te confundir; Eu tô te confundindo / Pra te esclarecer"). Segundo nossa leitura, o primeiro caso ("confundir") seria na direção de aguçar o ouvinte/leitor quanto ao discernimento diante da complexidade humana, desafio ao pensar e avaliação de sentidos possíveis. Na segunda frase, o termo "esclarecer" conduziria a um saber não dado; aquilo que se aprende/apreende não pela imagem ou resultado final, mas via questionamento além do explícito.

REFERÊNCIAS

Barbosa Neto, Esperidião; Rocha, Zeferino (2013). Corpo cuidado, esquecido e simbólico. *Revista SBPH*, vol.16, nº.2, pp. 7–24. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v16n2/v16n2a02.pdf

Cesar, Chico (2017). Deus me proteja. Álbum: Francisco, Forró y Frevo – Discos do Brasil.. Ferreira, Aurélio B. H. (1989).

Miniaurélio Século XXI: o
minidicionário da língua portuguesa.

São Paulo: Editora Nova Fronteira.

Forbes, Jorge. (2014). A análise lacaniana hoje: ingredientes, indicações e modos de usar. In: *Psicanálise: a clínica do real* (pp. 39–49). Forbes, J. & Riolfi, C. São Paulo: Manole (edição em pdf).

Disponível: https://www.livra-riaonlineebp.com.br/produtos/psicanalise-a-clinica-do-real/

Freud, Sigmund (1972). Interpretação de sonhos. In: Edições Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. IV e V. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

Jorge, Marco Antonio C. (2022). Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v. 3: a prática analítica. Rio de Janeiro: Zahar.

Kierkegaard, Sören (2008). *Migalhas Filosóficas*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1844).

Lacan, Jacques (1985). O seminário - livro 20: Mais ainda. Rio de janeiro:

Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1975).

Lacan, Jacques (2011). *A identificação (Seminá-rio 9)*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife (Trabalho original publicado em 1962).

Melman, Charles. (2004). A fobia da escrita. In: Melman, C. (2004). *O significante, a letra e o objeto* (pp. 137–144). Rio de Janeiro: Cia de Freud.

Miller, Jacques-Alain. (2002). *Percurso de La-can: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Rorschach, Hermann (2009). *Rorschach-Test: Psychodiagnostik*. Switzerland: Verlag Hans Huber, Bern (lâminas: 1 a 10).

Rosa, Guimarães (1994). *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

O PSICÓTICO E SEU DELÍRIO¹

SARA GUIMARÃES NUNES

Psicanalista e psicóloga. Membro do Grupo Psicanalítico de Alagoas (GPAL). E-mail: saragnunes25@gmail.com.

RESUMO

No presente texto, a autora aborda alguns conceitos da Psicanálise em relação aos sujeitos psicóticos e traz considerações sobre o que caracteriza psicose, delírio e alucinações, citando Freud - que, mesmo não tendo se dedicado à análise de sujeitos psicóticos e tampouco ter incentivado essa prática, fez significativas contribuições no sentido de afastar a psicose da visão estritamente patológica e apostou na existência de um sujeito na psicose – e centrando-se na primeira clínica lacaniana das psicoses - o que não significa esgotar tions, citing Freud - who,

o tema, mas, de alguma maneira, provocar o interesse nesses estudos.

Palavras-chave: psicose; delírio; Freud; Lacan.

ABSTRACT

In this text, the author addresses some concepts of psychoanalysis in relation to psychotic subjects and offers considerations on what characterizes psychosis, delirium and hallucinaTrabalho apresentado na 14ª Jornada do Grupo Psicanalítico de Alagoas (GPAL), intitulada Por uma Psicanálise implicada com o Sofrimento Contemporâneo, realizada nos dias 29 e 30 de novembro de 2024, em Maceió, Alagoas.

even though he did not devote himself to the analysis of psychotic subjects nor encourage this practice, made significant contributions in the sense of distancing psychosis from a strictly pathological view and bet on the existence of a subject in psychosis – and focusing on the first Lacanian clinic of psychoses – which does not mean exhausting the subject, but rather, in some way, to provoke interest in these studies.

Keywords: psychosis; delirium; Freud; Lacan.

O que me fez decidir por este tema, as psicoses, foi não apenas minha dedicação aos estudos acerca dele, mas saber a importância dos que exercem a escuta clínica manter-se permanentemente atualizados em relação às estruturas clínicas dos sujeitos que chegam a nossos consultórios, instituições de saúde mental e outros espaços em que há demanda por uma escuta especializada.

Como psicanalistas implicados com o sofrimento humano na nossa atualidade, é oportuno atentarmos para os excessos de diagnósticos – sejam dos rótulos de Autismo,
Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Bipolaridade e outros –,
que têm amordaçado o sujeito cada vez mais quando nos dizem que, em apenas uma única consulta com o médico psiquiatra e/ou o psicólogo, saem com uma identidade nosográfi-

ca, isto é, com rótulos de diagnósticos e prescrições farmacológicas sem terem tido tempo suficiente para fazer seus relatos.

Que fique claro: não sou contra um tratamento medicamentoso quando necessário. Mas, muitas vezes, parece-me que estamos numa avalanche de imperativo capitalista, diante da tentativa de anulação da clínica do sujeito, da não prevalência da subjetividade e, ao contrário, da ascendência ao objeto. Falaremos logo mais sobre essas e outras inquietações que motivam nossos estudos sobre as psicoses. Trarei alguns conceitos da Psicanálise em relação aos sujeitos psicóticos e algumas considerações sobre o que caracteriza uma psicose, um delírio e as alucinações, a partir de Freud e Lacan – o que não significa esgotar o tema, mas, de alguma maneira, provocar o interesse nesses estudos.

Freud, inventor da Psicanálise, dedicou seus esforços para demarcar uma teoria do inconsciente. Ele percebeu, em sua experiência clínica, que a escuta por meio da associação livre possibilitava a emergência do sujeito do inconsciente, além de criar condições mediante a transferência para suas manifes-

tações. Tudo isso foi postulado tendo como base a escuta de sujeitos neuróticos. Quando, no entanto, Freud se propôs a pensar o trabalho clínico com sujeitos psicóticos, encontrou uma série de dificuldades, chegando, inclusive, a contraindicar o tratamento psicanalítico para esses sujeitos. Isso porque pensou o tratamento com sujeitos psicóticos nos mesmos moldes da neurose, isto é, tendo o laço de amor transferencial como condição indispensável. Para Freud (1998), a psicose não fazia o laço transferencial que tal tratamento exigia como condição necessária, por isso ele afirmou que o método psicanalítico não se aplicava ao tratamento da psicose.

Jacques Lacan (1985), como estudioso da teoria freudiana, conseguiu perceber as peculiaridades da manifestação da transferência na psicose. A partir de algumas formulações e argumentos lacanianos, não houve mais motivos para os psicanalistas contestarem a clínica com sujeitos psicóticos.

Engana-se, no entanto, quem acredita que Freud não contribuiu para a teoria e a clínica da psicose. Desde a escrita de seus textos pré-psicanalíticos, Freud fez importantes formulações a respeito dessa clínica. Inicialmente apoiando-se em sua teoria e prática com as neuroses, Freud começou a trilhar os caminhos para o desenvolvimento do conceito de psicose. Assim, Freud (2006d) baseia-se, a princípio, no conceito de *Ver*-

dràngung (recalque) para tecer suas formulações a respeito da psicose.

Tendo em vista as contribuições freudianas e a trajetória lacaniana na construção de uma teoria e clínica da psicose, é importante atentarmos para as implicações de seus postulados elementares no tratamento possível dessa estrutura clínica. Desse modo, ressaltaremos as primeiras considerações freudianas a respeito da psicose, da afirmação inicial de que não caberia à Psicanálise o trabalho com esses sujeitos, perpassando pelo entendimento de que à psicose caberia um mecanismo de defesa específico, até chegar às formulações lacanianas. Em Lacan (1985), também houve mudanças fundamentais na construção desse conceito, pois ele retirou dos textos freudianos o mecanismo que se solidificou como específico da psicose - a Verwerfung (foraclusão) – e, ao longo de seu ensino, desenvolveu, ampliou e modificou sua teoria.

Em cartas a Fliess, ainda no período considerado pré-psicanalítico, Freud já tentava elucidar o fenômeno da psicose. Nas formulações iniciais sobre a psicose, Freud (2006a) postula que a paranoia, assim como a histeria, a neurose obsessiva e a confusão aleatória, são modos de defesa. A partir dessa indicação freudiana, é possível entender um fenômeno comum na clínica da psicose, especificamente da paranoia, em que o sujeito projeta no outro seus próprios motivos; por isso, é sempre o outro que é culpado/perseguidor nas tramas do delírio.

Freud (2006b) elucida que, na psicose, o ego rejeita a representação incompatível com seu afeto e age como se essa representação nunca tivesse existido, tudo isso graças ao seu desligamento da realidade. Por isso, no caso da psicose, trata-se, conforme Freud (2006b), de "uma espécie de defesa muito mais perigosa e bem-sucedida" (p. 52), apesar de seu retorno a partir do real (alucinatório e delirante).

Uma das maiores contribuições freudianas no que se refere à psicose foram as considerações apresentadas sobre a autobiografia do presidente Schreber, *Memórias de um doente dos nervos*, publicada originalmente em 1903. Não é meu objetivo detalhar o Caso Schreber, mas destacarei alguns aspectos que nos ajudam a entender as principais ideias e os avanços na teoria freudiana no que diz respeito à psicose.

O presidente Schreber é marcado por três crises que culminaram em internações. A primeira ocorreu em 1884, pouco tempo depois de ter se candidatado a um importante cargo no Congresso alemão, fato atribuído por ele como sendo a causa da doença, devido às ten-

sões emocionais vividas. Nessa época, Schreber ficou internado sob os cuidados do médico Paul Flechsig, que descreveu essa primeira doença como sendo uma crise grave de hipocondria. Após ter restabelecido a saúde, Schreber relata ter sonhado algumas vezes que a doença havia retornado e que, em certa ocasião, ocorreu-lhe "a ideia de que deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito" (Freud, 1998, p. 31).

A segunda crise ocorreu pouco tempo depois de Schreber tomar posse do cargo de juiz-presidente do Tribunal de Apelação de Dresden, mesmo período em que sua esposa, pela primeira vez, se ausentou de casa devido a uma viagem. A sobrecarga de trabalho quando assumiu o cargo foi atribuída por Schreber como sendo a causa da segunda doença. Nessa época, ele foi internado com queixas de insônia, mas seu quadro sintomatológico mudou rapidamente e ele começou a apresentar ideias de perseguição e alucinações visuais e auditivas. Além disso, começou a sentir-se perseguido pelo próprio médico, temendo que este abusasse sexualmenSchreber surge da inversão do amor em ódio, pois "aquele agora odiado e temido, por sua perseguição, seria alguém amado e venerado anteriormente" (Freud, 1998, p. 31).

O núcleo do delírio de Schreber era a convicção de que seu corpo estava sendo transformado em um corpo feminino (castrado). Primeiramente, a ideia de sua transformação em mulher era vista como perseguição, e essa transformação ocorreria mediante abusos sexuais praticados por seu médico, Flechsig. Deus era visto como seu aliado, mas ainda não havia encontrado uma maneira de ajudá-lo. No último momento de seu delírio, no entanto, Schreber passa a crer que sua transformação em mulher se tratava, na verdade, de um propósito/projeto de Deus (Freud, 1998).

O delírio de Schreber, portanto, apresentou, inicialmente, uma conotação persecutória; todavia, gradativamente e após várias transformações, adquiriu um caráter místico-religioso, com nuances de megalomania. Schreber passa a crer que Deus lhe atribuiu a missão de redimir (resgatar) o mundo e restituir o estado de beatitude (estado de felicidade verdadeira, serenidade) à humanidade. Nessa nova configuração de seu delírio, sua transformação em mulher salvaria o mundo, passando a sentir-se, assim, como a esposa escolhida por Deus.

De acordo com Lacan (1985), apesar dessa transformação do delírio parecer, a princípio, um agravamento do quadro clínico de Schre-

ber, trata-se, na verdade, de uma solução encontrada para lidar, em seu delírio, com a ideia inicialmente recusada (Verwerfung), pois, na perspectiva de Schreber, "era impossível se conciliar com o papel de uma mulher fácil perante o médico" (Lacan, 1985, p. 125). Porém, de modo contrário, não constituía uma resistência para o ego se submeter a um desejo e escolha vindos de Deus e, dessa maneira, salvar a humanidade.

A leitura freudiana das memórias do presidente Schreber produz, como principal contribuição, a ressignificação de suas experiências aflitivas pela via do delírio, uma vez que, até então, para a Psiquiatria, o delírio era carregado de acepção patológica. A partir da análise dessa biografia, Freud (1998) ressalta a função apaziguadora ocupada pelo delírio místico--religioso de Schreber, contribuindo, desse modo, para a pacificação de seu sofrimento. Nessa época, Freud já dava indícios de que o tratamento com sujeitos psicóticos deveria contar com o recurso do delírio, formulando, assim, o aforisma "o delírio como tentativa de cura" (Freud, 1998, p. 37).

Vale ressaltar que, nas psicoses, há uma rejeição radical da realidade social. Há fuga em relação ao mundo externo/social. Por isso, Freud (2006c, p. 154) enfatiza que "a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la". Os mecanismos de substituição presentes na psicose e na neurose também diferem, segundo Freud: na neurose, quando há um fracasso das ações do recalque (Verdràngung), há o retorno do recalcado por meio das formações inconscientes, isto é, por meio de sonhos, sintomas, chistes, lapsos, transferência e atos falhos. Já na psicose, o retorno do que foi rejeitado (Werwerfung) seria a partir de fora, em forma de alucinações e, ocasionalmente, delírios. Além disso, Freud compreende que o delírio psicótico é um meio privilegiado de acesso ao sujeito, justamente por, não raramente, ter ele, o delírio, um endereçamento social - como em Schreber (2021), com a publicação de suas memórias.

Por esse aspecto, o delírio se constitui como tentativa de suplência ao que foi rejeitado, ou seja, como tentativa de estabelecer o laço com a realidade inexistente, porque rejeitada (*Wervefung*), foracluída da Metáfora Paterna ou Nome-do-Pai, conforme afirmado por Lacan (1985) no seu movimento de releitura do texto freudiano.

A partir do que Freud postulou acerca da neurose e da psicose, Lacan situou dois modos de estruturação do sujeito, bem como dois modos diferenciados de condução do tratamento psicanalítico. Neurose e psicose são os nomes de duas das estruturas clínicas que foram, aos poucos, sendo isoladas perante o impasse colocado pela castração. O trabalho minucioso de delimitação estrutural, bem como dos mecanismos que as determinam, encontram-se no ensino de Lacan. No entanto, é nos textos freudianos que Lacan encontra os aparatos para essa delimitação.

No texto intitulado Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896), Freud salientou que a psicose deveria contar com um mecanismo específico, diferente do recalque. Além disso, chegou a utilizar o termo Verwerfung (recusa), mas não chegou a defini-lo precisamente e, por isso, este não se tornou um conceito psicanalítico freudiano. A ausência da delimitação de um mecanismo específico para a psicose tornou-se, então, um impasse no sentido de maior esclarecimento sobre a psicose na teoria freudiana. Esse impasse, entretanto, foi esclarecido por Lacan ao retornar ao texto freudiano original.

Mesmo não tendo se dedicado à análise de sujeitos psicóticos e tam-

pouco ter incentivado essa prática, Freud fez significativas contribuições no sentido de afastar a psicose da visão estritamente patológica. Ele apostou na existência de um sujeito na psicose, ou seja, abriu a perspectiva para o entendimento de que, além de qualquer deficiência simbólica a ela atribuída, a psicose é, antes de tudo, um modo de ser (diferenciado, singular e incomum) do sujeito diante das condições e dos limites impostos pelo entrechoque da realidade pulsional com a realidade social.

Por tomar a sério o aforisma freudiano de que "o delírio é uma tentativa de cura, uma reconstrução como tentativa de cura", Lacan (1986, p. 58) nos diz que quando a realidade é recusada, o sujeito psicótico, em vez de simplesmente se perder, consegue elaborar o delírio como modo de recompor um mundo, ainda que marcado pela ruptura. Em seu texto De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, publicado nos Escritos de 1966, Lacan deu provas de acreditar na possibilidade de um tratamento possível da psicose, estimulando incessantemente o psicanalista a não recuar diante dela.

Posso dizer ter sido essa uma das razões do meu percurso sobre esse tipo de tratamento, que me levou não somente à produção deste texto, mas também a perceber, a partir dos acompanhamentos na clínica, com sujeitos toxicômanos, o quanto é comum a eles, frente a algum sofrimento psicótico, recorrer ao uso

de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, muitas vezes como tentativa de suplência da dor de existir.

Muitos toxicômanos são internados em clínicas ou centros de recuperação, recebendo um tratamento padrão, standard - um único modelo para todos. Isso é grave. Não podemos recuar, nem fazer vistas grossas. Mesmo não sendo o tema que me propus a discorrer aqui, vale ressaltar que as psicoses e as toxicomanias são muito próximas no sentido de que muitos usuários, ao consumir drogas em excesso, tentam, de modo equivocado, amenizar sua dor de existir anestesiando-se. Cabe-nos cruzar os braços? Mencionei essa infeliz prática, bastante comum em nossos dias, a fim de refletirmos sobre nossa função enquanto psicanalistas e psicólogos diante desses encarceramentos que barram um tratamento possível, não reconhecendo a clínica do sujeito, a clínica psicanalítica em especial, que dá voz a ele.

Lacan (1986), em seu primeiro seminário, *Os escritos técnicos de Freud* (1953–1954), tece considerações a respeito do termo *Verwerfung*, tirado do texto freudiano. Nesse seminário, Lacan utiliza as

traduções mais conhecidas na época, que seriam rejeição e recusa. Em 1954, no entanto, Lacan propôs o termo supressão (extinguir, cancelamento) como tradução para a Verwerfung freudiana, com o propósito de designar a supressão da ordem simbólica. Com essa tradução, Lacan tece uma importante diferenciação entre os termos Verdràngung e Verwerfung. Se com a Verdràngung, ou o recalque, o sujeito neurótico pode ter acesso a conteúdo suprimido pelo mecanismo de retorno do recalcado, o que acontece com a psicose é da ordem de uma supressão mais bem-sucedida. Isso porque, no caso da Verwerfung, não é apenas o conteúdo que sofreu supressão, mas a ordem simbólica, a relação do sujeito com sua própria fala.

Dois anos após essas considerações, Lacan (1985), no seu terceiro seminário, As psicoses, introduz a proposta de que se traduza por foraclusão o termo alemão Verwerfung. "O termo Verwerfung não pode ser traduzido nem por recalcamento (Verdrängung), nem por denegação (Verneinung). A tradução que proponho é foraclusão" (Lacan, 1985, p. 21).

Na língua portuguesa, usa-se o neologismo prescrição. Como reitera Antônio Quinet (2014), em Teoria e clínica da psicose, Lacan toma de empréstimo Forclusion do vocabulário jurídico, que se refere a um processo que está acabado legalmente e não se pode apelar, por ter perdido o prazo legal. Dessa forma, Lacan se apropria do termo para nos dizer da inexistência do significante Nome-do-Pai na psicose, o significante que fica de fora do Simbólico, não incluído no Simbólico.

O Nome-do-Pai é usado por Lacan para dizer da interdição feita pelo pai na relação da criança com a mãe. Não está se referindo ao pai real, mas à função simbólica que o Nome-do-Pai exerce na constituição do sujeito. Aceitar a intromissão do Nome-do-Pai em meio à relação da criança com a mãe é submeter-se à castração simbólica. No caso da psicose, Lacan explica que há a foraclusão desse significante, isto é, o significante do Nome-do-Pai é deixado de fora do simbólico, não é incluído em sua função de metaforizar o desejo materno (DM).

Por não ter sido barrado pelo significante da castração, o campo do Outro se apresenta para o sujeito psicótico como absoluto, isto é, o significante da castração não se inscreve no inconsciente e, consequentemente, o Outro não é barrado, e se apresenta para o psicótico como Outro absoluto, invasivo, sem limites. Na falta do recurso da significação, o sujeito psicótico constrói sua própria realidade para explicar suas experiências. Desse modo, tal como Freud entendia o delírio como uma tentativa de cura, Lacan o entende ainda como uma alternativa de trabalho encontrado pelo sujeito psicótico para dar conta de sua realidade própria e fora do mundo comum, social (Lacan, 1985).

Isso pode ser entendido com a máxima lacaniana de "o que é foracluído do Simbólico retorna no Real" (Quinet, 2014, p. 35) – no campo do Outro, a partir do delírio, e no corpo, pelas sensações do corpo despedaçado, do corpo fragmentado, sem uma alienação com o Outro Primordial, para dar a unidade da imagem.

É a partir da análise da construção do sistema delirante de Schreber que Lacan (1998) indica que o sujeito psicótico tem a possibilidade, pela via da metáfora delirante, de construir uma suplência à ausência da metáfora paterna (MP) como tentativa de cura. Para Lacan, a estabilização das crises se torna possível quando há a construção de uma nova realidade a partir do delírio. Desse modo, a estabilização se apresenta como "uma operação que circunscreve, localiza, deposita, separa ou apazigua o gozo, correlativa de uma entrada em algum tipo de discurso, por mais precário que ele seja" (Alvarenga, 2000, p. 18). Portanto, a estabilização por meio do delírio é o que há de mais próximo de uma cura possível da psicose.

Se o delírio se constitui como uma tentativa de cura por parte do sujeito psicótico, a posição do analista que o acompanha deve ser a de secretário do aliena-do (Lacan, 1985), não deve ocupar a posição de mestre, tampouco de quem interpreta no lugar do sujeito. Na função de secretário do aliena-do, o psicanalista se dispõe a escutar o que o sujeito diz, sem jamais interpretar, pois, "se o delírio é uma interpretação, cabe ao analista conter sua própria ânsia de interpretar pelo sentido e deixar essa tarefa exclusivamente a cargo do sujeito delirante" (Lacan, 1985, p. 246).

A título de registro, no ensino de Lacan até 1970, o eixo central em sua teoria a respeito da psicose refere-se às articulações com o significante Nome-do-Pai: a presença ou a ausência deste no Simbólico, o modo como esse significante abre a perspectiva à significação fálica (falo), cuja função é metaforizar o que se diz e como o sujeito se relaciona com o Outro. É o fato de o significante Nome-do-Pai ficar de fora do Simbólico, ou seja, sem metaforização do Real, que sustenta o aforismo psicanalítico "o inconsciente manifesto a céu aberto" na psicose, advindo da fala de Lacan "os mecanismos do inconsciente

aparecem de forma clara, exposta" diferentemente da neurose, onde o recalque mascara e distorce (Lacan, 1985, p. 23).

Este estudo foi centrado na primeira clínica lacaniana das psicoses, citando Freud até onde foi possível, não utilizando a teorização lacaniana posterior sobre a psicose, como o estudo de James Joyce no Seminário 23: O sinthoma (Lacan, 2007), em sua segunda clínica, Seminário em que Lacan trabalha as psicoses a partir da topologia dos Nós – RSI – Real, Simbólico e Imaginário, não mais amparado na ausência do Nome-do-Pai, isto é, colocando o Real como registro central, dando ênfase à lalingua – pretendendo, com isso, um modo de abordar clinicamente (e de transmitir aos psicanalistas, via ensino) o que não seria possível apenas recorrendo à linguagem.

REFERÊNCIAS

Alvarenga, Eliza (2000). Estabilizações. *Re-vista Curinga*, 14, pp. 15–19. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise.

Campos, Sérgio de (2022). Investigações lacanianas sobre as psicoses: as psicoses extraordinárias, Vol. 1. Belo Horizonte: Topológica.

Freud, Sigmund (1998). O Caso Schreber: notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia Paranoides). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, Sigmund (2006a). Edição Standard das Obras Completas, Vol. 1: Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).

Freud, Sigmund (2006b). Edição Standard das Obras Completas, Vol. 3: Primeiras publicações psicanalíticas (1893–1899). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1894).

Freud, Sigmund (2006c). Edição Standard das Obras Completas, Vol. 14: História do Movimento Psicanalítico, artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos (1914–1916). (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, Sigmund (2006d). Edição Standard das Obras Completas, Vol. 19: O ego e o id, e outros trabalhos (1923–1925). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

Lacan, Jacques (1985). *O Seminário*, *Livro 3: As Psicoses* (1955–1956), 2ª Ed., Capítulo 6. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, Jacques (1986). O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953–1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, Jacques (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).

Lacan, Jacques (2007). Seminário 23: O Sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Quinet, Antônio (2014). Teoria e clínica da psicose. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Schreber, Daniel Paul (2021). *Memórias de um doente dos nervos*. São Paulo: Todavia. (Trabalho original publicado em 1903).

ENTRE A OPORTU-NIDADE E O RISCO: AS VICISSITUDES DA DEPRESSÃO NA TEO-RIA DE WINNICOTT¹

HELIANE DE ALMEIDA LINS LEITÃO

Psicóloga (UFPE); Doutora em Psicologia, com pós-doutorado em Psicologia (University of Kent, Inglaterra); Professora do Instituto de Psicologia da UFAL; Membro do GPAL.

RESUMO

Diante da crescente demanda da clínica da depressão na atualidade, este artigo busca contribuir com uma reflexão psicanalítica apoiada na teoria de Donald Winnicott. Para este autor, a capacidade para a depressão indica uma conquista do desenvolvimento emocional primitivo resultante do alcance do estágio do concernimento, mar-

cado pela capacidade de sentir culpa e preocupação com o outro. O esde, tágio do concernimento resulta da oportunidade, oferecida por um ambiente suficientemente to bom, de elaboração da ambivalência afetiva e integração dos impulsos agressivos no início da vida. Para grande par-

Trabalho apresentado na 14a Jornada de Psicanálise do GPAL, em novembro de 2024. te dos indivíduos a depressão se caracteriza como uma pausa para reorganização psíquica, dependendo de um processo de elaboração que demanda tempo e sustentação ambiental. Por outro lado, a depressão pode representar uma situação de risco na medida em que manifeste sinais de dissociação e ameaça de desintegração psíquica. A escuta analítica busca distinguir os diversos tipos de depressão, oferecendo ao paciente sustentação do humor depressivo e oportunidade para integração da ambivalência afetiva, com possibilidades de reparação criativa.

Palavras-chave: depressão; agressividade; Winnicott.

ABSTRACT

Given the current clinical demands of depression, this article seeks to contribute a reflection based on Donald Winnicott's psychoanalytic theory. For this author, the capacity for depression indicates an achievement of primitive emotional development resulting from reaching the stage of concern, marked by the ability to feel guilt and concern for others. The stage of concern results from the opportunity, offered by a good enough environment, to process affective ambivalence and integrate aggressive impulses. For most individuals, depression is characterized as a pause for psychic reorga- valência de depressão estimada em

nization, dependent on a process of elaboration that demands time and environmental support. On the other hand, depression can represent a risk situation as it manifests signs of dissociation and threat of psychic disintegration. Analytic listening seeks to distinguish different types of depression, offering to the patient opportunity for processing and integrating affective ambivalence, with possibilities for creative reparation.

Keywords: depression; aggressiveness; Winnicott.

INTRODUÇÃO

Diante da alta incidência de sintomas e diagnósticos de depressão na clínica atual, este trabalho pretende contribuir com uma reflexão apoiada na leitura da psicanálise de Donald Winnicott. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OPAS/OMS, 2022), mais de 300 milhões de pessoas sofrem de depressão no mundo, sendo esta apontada como a principal causa de incapacidade e ausência no trabalho. No Brasil, os dados apontam uma pretorno de 15,5% da população ao longo da vida. A preocupação com a alta incidência da depressão remete ao fato desta ser considerada a principal condição psíquica associada ao suicídio, o qual vem aumentando em todo o mundo. Além disso, a situação da pandemia agravou este quadro, tendo sido registrado um aumento na incidência da depressão no período pós-pandêmico.

Embora se trate de fenômeno complexo e multideterminado, dados epidemiológicos informam que as mulheres são mais vulneráveis, enquanto situações de pobreza, vulnerabilidade e perdas materiais se associam com maior suscetibilidade à depressão. Mas, de que depressão estamos falando? Uma dificuldade na abordagem do tema reside no uso frequente e impreciso da palavra depressão.

Por um lado, temos a linguagem psiquiátrica apoiada na descrição de sintomas característicos de um transtorno. Geralmente são considerados os seguintes indícios de humor depressivo ou de depressão: a tristeza, o choro frequente, o retraimento, a introversão, a apatia, a irritabilidade, os distúrbios do sono e da alimentação, o cansaço excessivo, a perda de interesse e prazer nas atividades.

Por outro lado, constatamos o uso comum e leigo do termo, o qual tem sido banalizado, por vezes confundindo um distúrbio com um estado afetivo, o que compromete a precisão do diagnóstico e tende a patologizar as experiências e afetos humanos.

O que a psicanálise tem a dizer sobre a depressão? Em particular, o que a teoria de Winnicott nos ensina sobre a depressão? A psicanálise não focaliza nos sintomas, mas na história pessoal e no significado do humor depressivo em cada caso. Considerando a depressão como um paradoxo, Winnicott (2011) a reconhece como uma condição de sofrimento psíquico, ao tempo em que expressa um estado afetivo saudável e propulsor de amadurecimento. Neste sentido, o autor destaca que o significado psiquiátrico se assemelha e confunde com o significado popular comum, conforme descritos acima, na medida em que o humor depressivo se expressa num amplo espectro de intensidades e significados.

Como pediatra e observador do desenvolvimento de crianças em situações comuns, Winnicott desenvolveu uma teoria psicanalítica com enfoque na saúde e não na patologia. Afastando-se de todo tipo de determinismo na etiologia do sofrimento psíquico, sua teoria do desenvolvimento emocional enfatiza tanto o

processo maturacional inato quanto as condições ambientais facilitadoras. Ao destacar radicalmente a centralidade do ambiente, sua versão da psicanálise privilegia a observação das contingências ambientais e do contexto socio-histórico-cultural na constituição subjetiva e nas formas de adoecimento psíquico, com importantes implicações para a prevenção. Deste modo, o autor realça o papel do ambiente tanto na origem e constituição da depressão, como no potencial do cuidado terapêutico oferecido enquanto possibilidade de transformação e cura. Tal enfoque reforça a necessária consideração das vicissitudes da cultura enquanto reveladoras das condições que favorecem o aumento e a prevalência da depressão na atualidade.

A DEPRESSÃO NA TEORIA DE WINNICOTT

Ao longo de sua obra, Winnicott apresenta diversos tipos de depressão considerando um amplo espectro de condições afetivas que incluem fases de depressão em pessoas saudáveis, depressão reativa associada ao luto, depressão grave e crônica. Segundo Abram (2000, p. 112), pode-se organizar os tipos de estados depressivos descritos por Winnicott em três grupos: a depressão como uma capacidade que se desenvolve como parte normal do desenvolvimento; uma desordem afetiva resultante da interrupção do desenvolvimen- teoria do desenvolvimento emo-

to devido a uma falha ambiental precoce; defesas primitivas, do tipo maníacas ou psicóticas, mobilizadas para evitar o sofrimento oriundo da depressão.

Para Winnicott, a depressão é, primeiramente, um sinal de maturidade emocional e uma oportunidade de desenvolvimento. Por outro lado, ela pode se apresentar como uma condição de risco psíquico na medida em que traz à tona o sofrimento resultante de falhas ambientais importantes no desenvolvimento emocional primitivo.

A DEPRESSÃO COMO AMADURECIMENTO E **OPORTUNIDADE**

Surpreendentemente, uma pessoa pode sair fortalecida, mais estável e mais sábia de uma depressão, se compararmos seu estado no início dela (Winnicott, 2011, p. 66).

Winnicott apresenta a capacidade para se deprimir como uma conquista do desenvolvimento relacionada à maturidade relacional de se preocupar com o outro e de sentir culpa. No contexto de sua

cional, este amadurecimento está associado ao alcance do estágio de concernimento (stage of concern), caracterizado pela distinção entre eu e não-eu, reconhecimento do outro em sua alteridade, responsabilização pelos próprios impulsos e capacidade de reparação. Deste modo, o autor destaca que a capacidade para a depressão indica certa organização e força do ego, com importantes repercussões éticas.

No texto intitulado "O valor da depressão", Winnicott vai apresentar a depressão como um paradoxo, na medida em que traz, simultaneamente, oportunidade de amadurecimento e sofrimento. Neste sentido, afirma que "a depressão traz dentro de si mesma o germe da recuperação" (Winnicott, 2011, p. 60) na medida em que possa retomar recursos psíquicos alicerçados numa infância vivida em ambientes suficientemente bons. Trata-se aqui de abordar a pessoa com depressão a partir do reconhecimento de que ela demonstra um certo grau de integração psíquica que favorece a saúde. Assim, pode-se falar de uma depressão saudável e necessária, diante de situações que demandam uma pausa no mundo interno para a elaboração de perdas, culpa e conflitos relacionados à ambivalência afetiva. A depressão, neste caso, indica que algo se desorganizou internamente, sendo necessário um tempo de recolhimento para o trabalho psíquico de elaboração e construção de saídas.

Comparado a um nevoeiro que cobre temporariamente uma cidade, o humor depressivo mantem a vida mais lenta, desprovida de ação e retraída de relacionamentos. Se há saúde, entretanto, o nevoeiro se dissipa gradualmente, após rearranjos no posicionamento dos habitantes e organização interna da cidade (Winnicott, 2011). Para tal saída, o mais importante é considerar o estado da economia interna, relacionado ao grau de integração e organização do ego do paciente.

Para além de antidepressivos e palavras tranquilizadoras, a elaboração deste tipo de depressão depende de um ambiente facilitador e demanda tempo. A escuta analítica capaz de reconhecer e suportar os afetos depressivos coloca-se como valiosa neste processo. A escuta clínica precisa estar atenta à dinâmica da agressividade e destrutividade que emerge frequentemente como culpa excessiva e tristeza profunda.

Nas palavras de Winnicott:

A causa principal do humor deprimido é uma nova experiência de destrutividade e de ideias destrutivas que desaparecem com o amor. As novas experiências precisam de uma reavaliação interna, e é essa reavaliação que encaramos como depressão (2011, p. 65).

A depressão na saúde não deve ser contida ou silenciada, precisando de oportunidade para ser vivenciada com vistas à elaboração da agressividade e destrutividade pessoal. O humor depressivo se apresenta como resposta a situações de perda, desilusão e ambivalência afetiva, oferecendo a oportunidade de integração do ódio e da agressividade. O trabalho interno realizado durante a pausa depressiva possibilita a reorganização psíquica, o abandono de defesas rígidas e a construção de saídas criativas de reparação.

A possibilidade de uma saída saudável da depressão remete ao alcance da capacidade de concernimento no início da vida, a qual está relacionada ao desenvolvimento da agressividade e à capacidade para lidar com a ambivalência afetiva característica das relações interpessoais.

O DESENVOLVIMENTO DA AGRESSIVIDADE E A DEPRESSÃO

Para Winnicott (2000a), a agressividade primária não tem intenção destrutiva e se expressa como atividade, motilidade e força vital. O impulso do amor primitivo do bebê se expressa especialmente na amamentação e não tem intenção de destruir, mas apresenta características que Winnicott chamou de 'impiedade' ou

não concernimento. A resposta do ambiente, especialmente da mãe, à voracidade do bebê na fase de dependência absoluta é fundamental para o desenvolvimento da agressividade. Se o ambiente representado pela mãe (ou seu substituto) não for capaz de sustentar (holding) e sobreviver à agressividade espontânea do bebê, este tenderá a ocultar seu impulso cruel, levando a dificuldades na integração da ambivalência afetiva e possível dissociação do impulso agressivo (Abram, 2000). Segundo Winnicott: "Sem a possibilidade de brincar sem compaixão, a criança terá que esconder seu eu impiedoso e dar-lhe vida apenas em estados dissociados" (2000a, p. 230).

Num ambiente suficientemente bom, a integração do impulso agressivo favorece o desenvolvimento da empatia, preocupação com o outro e culpa, levando ao estágio do concernimento (Winnicott, 2000c). Este estágio marca uma conquista do amadurecimento possibilitando a transformação da agressividade em recurso construtivo e criativo.

Na medida em que o processo de integração permite ao bebê perceber o mundo externo, ele se depara com a existência do outro que é alvo de sua agressividade. Winnicott (2000d) denomina de 'ciclo benigno' a situação na qual o bebê, sustentado por um ambiente suficientemente bom, tem oportunidade de elaborar as tensões internas geradas pela percepção de que seus ataques (reais ou fantasiosos) podem gerar desconfortos à mãe. Quando a mãe permite as expressões de agressividade do bebê, ao mesmo tempo em que estabelece alguma oposição e limite, oferece-lhe um ambiente facilitador do desenvolvimento da agressividade. A mãe capaz de suportar, acolher e sobreviver aos ataques do bebê, permite-lhe o reconhecimento, integração e responsabilização por sua própria agressividade e seus efeitos no ambiente. No ciclo benigno a experiência de destruição geradora de angústia tem oportunidade de ser seguida de reparação. Na repetição de episódios de ataques, sobrevivência da mãe e possibilidade de reparação, o bebê vai se apropriando dos impulsos agressivos, os quais passam a fazer parte de si, do self. Assim, podem ser controlados de dentro, fundindo-se aos impulsos eróticos e colaborando com as funções vitais.

O resultado do ciclo benigno é o alcance da capacidade ética de preocupar-se com o outro, agora reconhecido em sua alteridade. Além disso, a capacidade para suportar a própria ambivalência afetiva prepara a criança

para viver perdas e dificuldades relacionais ao longo da vida.

Por outro lado, a não integração ou inibição da agressividade favorece a depressão. A não elaboração da ambivalência afetiva na primeira infância pode gerar defesas rígidas que levem a depressões profundas com graves implicações clínicas.

A DEPRESSÃO COMO RISCO

Apesar de indicar relativa organização do ego, a depressão pode representar uma ameaça à sua integração (Winnicott, 2011). Isto acontece nos casos graves, quando há um elemento esquizóide na depressão que pode se expressar como despersonalização, sentimentos de irrealidade, defesas muito rígidas do tipo psicótico ou delírios persecutórios. Outras manifestações de patologia na depressão são as doenças somáticas, reais ou imaginadas, sintomas hipocondríacos, defesas maníacas, oscilações maníaco-depressivas caracterizadas por dissociação, e mau humor destrutivo.

Quando grave, a depressão remete a falhas no amadurecimento nos primórdios da vida, especialmente no processo de integração psíquica.

Entram aqui as considerações acima sobre o desenvolvimento emocional que, nestes casos, se caracteriza pela inibição e repressão dos impulsos agressivo-destrutivos, levando à impossibilidade de sua apropriação e integração no self. Não integrados, estes impulsos permanecem exteriores ao eu e fora do controle (Naffah Neto, 2022), podendo se manifestar em forma de culpa patológica excessiva e sem apoio na realidade. A agressividade passa a ser autodirigida, podendo levar a pensamentos e gestos suicidas.

É relevante destacar a dinâmica do ódio nos estados depressivos. O ódio não reconhecido e acobertado produz defesas psíquicas rígidas para conter seus efeitos. Neste caso, a depressão pode ser resultado do esforço psíquico para controlar a destrutividade ameaçadora do ódio, tornando-a inofensiva. O estado depressivo se manifesta, então, como paralisia resultante da culpa, num esforço para obter o controle do ódio inconsciente que passa a ser dirigido contra o eu.

Para Winnicott (2011, p. 62), mesmo em casos de depressão severa há esperança, pois existe um significado subjetivo para o humor depressivo que precisa ser buscado na análise. Nestes casos, a saída para a depressão é o resgate dos impulsos amorosos e da capacidade de reparação possibilitado pela transferência no encontro analítico.

IMPLICAÇÕES CLÍNICAS

Winnicott traz importantes contribuições para a clínica da depressão na atualidade. Primeiramente, em relação à construção do diagnóstico, colabora com a necessária distinção entre o que pode ser chamado de depressão 'saudável' em comparação com a 'depressão patológica'. Dentro de um amplo espectro de estados afetivos caracterizados pelo humor depressivo, cabe ao profissional uma escuta atenta à gravidade e às possibilidades de saída criativa, as quais dependem do grau de integração ou dissociação presente em cada caso.

A depressão saudável representa um recolhimento ao mundo interno quando os impulsos agressivo-destrutivos se sobrepõem, temporariamente, aos impulsos amorosos, ameaçando a integridade do *self*. Tal situação pode ser exemplificada pelo surgimento de ódio intenso no contexto relacional, o qual sinaliza um perigo interno que precisa ser reorganizado a partir da rememoração dos bons momentos e dos sentimentos amorosos para com o objeto. Este trabalho interno se realiza a partir dos recursos psíquicos

resultantes da integração primária da agressividade e da prevalência de objetos bons internalizados. Neste caso, o recolhimento e o tempo da depressão saudável garantem a elaboração do ódio e a proteção do *self*. A escuta analítica desempenha um papel crucial nestes casos. Segundo Winnicott, a ajuda terapêutica mais importante aqui é uma atitude de cuidado que comunica "aceitação da depressão, e não a ânsia de curá-la" (Winnicott, 2005, p. 88).

Por outro lado, a depressão grave ou patológica remete a falhas importantes no processo de integração dos impulsos agressivo-destrutivos no início da vida. A inibição excessiva dos impulsos agressivos leva a repressão inconsciente de suas representações, resultando em sintomas como apatia, falta de energia e desalento. Neste caso, a ausência de ação, assertividade e agressividade típicas da depressão são importantes sinais de sua gravidade. Por outro lado, a emergência do ódio, geralmente autodirigido como autoagressividade, pensamentos suicidas ou hipocondria, ou projetado nos objetos externos como paranoia, também precisa ser analisada em sua intensidade e dissociação da realidade. A colaboração do profissional psiquiatra e a possível prescrição de

medicação precisam ser consideradas pelo analista.

Junta-se a isso a inibição e repressão dos impulsos eróticos parcialmente associados aos impulsos agressivos. Isto indica a precariedade de recursos amorosos internos para fazer frente às ameaças do ódio e da destrutividade. Segundo Naffah Neto (2022), as depressões patológicas

... designam a inibição/repressão instintual provocada pela inibição/repressão dos impulsos agressivos (em razão de um medo intenso do seu poder destrutivo) e que carregam consigo, também, uma parte dos impulsos eróticos (p. 207).

A escassez de bons objetos internalizados e de confiança na capacidade amorosa e construtiva inviabilizam a elaboração do ódio sem recursos externos de apoio ambiental. O resultado é a angústia difusa, a culpa excessiva não apoiada na realidade e a incapacidade de reparação. Tal incapacidade se revela particularmente impactante nos momentos de crise e elaboração de lutos. A qualidade da relação analítica abre a oportunidade de substituição da culpa patológica pela responsabilização pela ambivalência afetiva, com possibilidades de reparação.

O manejo da agressividade (ou da sua ausência) na transferência se coloca como central na clínica da depressão. Winnicott (2000b) traz importantes considerações acerca da escuta, sustentação e sobrevivência do analista diante da agressividade do paciente. Aponta a necessidade de o analista oferecer um ambiente de confiança ao longo do tempo respeitando o ritmo do paciente. A sobrevivência do analista que se mantem inteiro, sem sucumbir nem retaliar aos ataques na transferência, se torna condição para a elaboração da agressividade do paciente. Para isto, o analista também é convocado a reconhecer e elaborar sua própria agressividade e ódio que podem surgir na contratransferência. A possibilidade de estabelecer um ciclo benigno na relação com o analista representa a oportunidade para o paciente elaborar seu ódio e encontrar saídas reparadoras.

Por fim, Winnicott aponta a importância da análise pessoal na formação do analista como forma de cuidado com seus próprios impulsos agressivos e tendências depressivas. Afinal, um trabalho psíquico crucial que se coloca para todo ser humano é lidar com o humor depressivo gerado pela ambivalência afetiva presente nas relações interpessoais. Quando este trabalho se dá em condições suficientemente boas, o resultado é o alcance de uma posição ética capaz de se preocupar com outras pessoas e ofe-

recer gestos reparadores e terapêuticos, como os que caracterizam o papel de analista. Para além do trabalho solidário e devotado de cuidado com os outros, tal ofício permite ao analista sustentar suas próprias culpas e dores através do reconhecimento de sua ambivalência e da confiança em seus gestos de reparação. Nas palavras do autor:

Já que o trabalho construtivo é uma das melhores coisas para sair da depressão, frequentemente ocorre que utilizamos nosso trabalho com deprimidos (e outros) para lidar com nossas próprias depressões (Winnicott, 2011, p. 59-60).

Concluindo, a teoria de Winnicott contribui com uma clínica das "depressões" (no plural),
convocando a uma escuta atenta
às suas diversas manifestações na
atualidade. Realçando a importância do ambiente na constituição subjetiva, o autor reafirma o
papel da cultura nas expressões de
sofrimento emocional, ao tempo
em que aposta no potencial transformador da escuta analítica.

REFERÊNCIAS

Abram, Jan (2000). A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter.

Naffah Neto, Alfredo (2022). Darkness visible: uma interpretação da patologia depressiva a partir de D. W. Winnicott. In Alexandre Patricio de Almeida e Alfredo Naffah Neto (Orgs.), Perto das trevas: a depressão em seis perspectivas psicanalíticas (pp. 201–225). São Paulo: Blucher.

OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde [Internet]. Paho.org. 2022. Disponível em: https://www.paho.org/pt/topicos/depressao

Winnicott, Donald W. (2000a). Desenvolvimento emocional primitivo. In Donald W. Winnicott, *Da Pediatria à psicanálise*: obras escolhidas (pp. 219–232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1945).

Winnicott, Donald W. (2000b). O ódio na contratransferência. In Donald W. Winnicott, *Da Pediatria à psicanálise:* obras escolhidas (pp. 277–287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1947).

Winnicott, Donald W. (2000c) A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In Donald W. Winnicott, *Da Pediatria à psicanálise:* obras escolhidas (pp. 288-304). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950).

Winnicott, Donald W. (2000d). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In Donald W. Winnicott, *Da Pediatria à psicanálise:* obras escolhidas (pp. 355–373). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1954).

Winnicott, Donald W. (2005). A família afetada pela patologia depressiva de um ou ambos os pais. In Donald W. Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 73–88). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1958).

Winnicott, Donald W. (2011). O valor da depressão. In Donald W. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp. 59–68). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1963).

O DESENTENDIMENTO HUMANO NUM MUNDO HIPERCONECTADO: UMA DESSIMBOLIZAÇÃO DOS LAÇOS SOCIAIS?1

RUTH VASCONCELOS

Socióloga e Psicanalista, membro do GPAL (Grupo de Psicanálise de Alagoas) e da IPB (Intersecção Psicanalítica do Brasil).

RESUMO

O texto aborda questões relacionadas aos impactos da realidade virtual e da primazia do Imaginário na vida em sociedade. Tem como fio condutor alguns questionamentos: existe alguma relação entre o processo de virtualização da vida e a dessimbolização dos laços sociais? Em que medida a superficialidade e a velocidade das comuni- síveis na forma do sujei-

cações, a proliferação de informações e as demandas ininterruptas por meio das redes sociais, interferem nas trocas simbólicas e, consequentemente, na estruturação dos laços sociais na contemporaneidade? A revolução digital provocou transformações irrever-

Trabalho apresentado na 14ª Jornada de Psicanálise do GPAL, em 30 de novembro de 2024.

to ser e estar no mundo. O que a psicanálise tem a dizer sobre esse tema?

Palavras-chave: Mídias digitais; realidade virtual; subjetividade; laço social; desentendimento humano.

ABSTRACT

The text addresses issues related to the impacts of virtual reality and the primacy of the Imaginary on social life. Its guiding thread raises several questions: Is there a relationship between the virtualization of life and the desymbolization of social ties? To what extent do the superficiality and speed of communications, the proliferation of information, and the uninterrupted demands of social media interfere with symbolic exchanges and, consequently, the structuring of social ties in contemporary times? The digital revolution has brought about irreversible transformations in the way individuals are and exist in the world. What does psychoanalysis have to say about this topic?

Keywords: Digital Media, Virtual Reality, Subjectivity, Social Bond, Human Misunderstanding.

O tema da 14ª Jornada do GPAL – Psicaná– lise implicada com o Sofrimento Social – fez lembrar a proposição lacaniana quanto a im– prescindibilidade de os psicanalistas alcançarem "em seu horizonte, a subjetividade de sua época", para que possam exercer sua função psicanalítica (Lacan, 1998, p. 322). Interpelada pelos efeitos da hiperconectividade na subjetividade humana, proponho reflexões sobre os desentendimentos humanos como consequência de possíveis processos de dessimbolização dos laços sociais, nas relações presenciais e virtuais na contemporaneidade.

A proposta é trazer reflexões que problematizam a possível relação entre os desentendimentos humanos e a obstrução dos processos de simbolização subjetiva intensificados com o advento da realidade virtual. Sem palavras não há simbolização, e, sem simbolização não há possibilidades de entendimento entre os humanos no circuito civilizacional, que pressupõe práticas de reciprocidade, solidariedade, reconhecimento e compaixão. Os conflitos e desencontros ganham cada vez mais espaço na sociedade que vive os efeitos perturbadores da primazia do Imaginário no mundo virtual, afetando também as relações no espaço presencial. A proliferação de signos e símbolos que circulam nas

redes (*emojis*, mensagens prontas e memes²), substituindo palavras nas trocas interpessoais revelam, em alguma medida, a insuficiência da simbolização do desejo, da falta e da castração. Multiplicam-se as passagens ao ato como acontecimentos ausentes de palavras, escancarando a precariedade da dimensão subjetiva que obstrui o reconhecimento de si mesmo e do Outro como uma alteridade.

Quando me refiro à dessimbolização dos laços sociais realço os fenômenos que se configuram a partir da falência da palavra, da precariedade do campo simbólico e das fraturas sociais decorrentes da falha na inscrição da Lei subjetiva (o Nome-do-Pai). Nas tranças do registro psíquico do ser falante, feitas no enlace do nó borromeano, a precariedade do registro simbólico altera as experiências subjetivas do ser falante, dando espaço à primazia do Imaginário que põe o sujeito num lugar de submissão à tirania dos impulsos desejantes, deixando-o inebriar-se pelos excessos. Se por um lado, o excesso de demandas acontece pela via do imperativo "Goza!"; por outro, há uma escassez dos recursos simbólicos que afetam, sobremaneira, as relações sociais e interpessoais, arremessando os sujeitos ao jogo confuso do imaginário feito de fantasias e identificações passíveis de muitos desencontros e desentendimentos.

Na atualidade, há uma predominância do sofrimento sem palavras, da dimensão do gozo e da fragilidade do laço social, que não se remete ao Outro. E não por acaso: o Outro como semblante de regulação não funciona como antes, e, com o apagamento do sujeito, 'potencializa-se a acefalia da pulsão' (Tizio, 2009, p. 120 apud cit Espinoza e Zanotti, 2017, p. 94).

Não é recente a interferência negativa das mídias no tecido social, particularmente quando naturaliza acontecimentos que explicitam os desacertos do humano consigo mesmo e com o ou-

Um meme é um conceito criado pelo biólogo Richard Dawkins em 1976 que representa uma unidade de informação cultural (ideias, comportamentos, estilos) que se multiplica de mente em mente, como um gene. Na internet, o termo refere-se principalmente a conteúdo viral - como imagens, vídeos ou frases – que se espalha pelas redes sociais, geralmente com um tom humorístico, e que é facilmente replicado e adaptado (Conteúdo acessado na IA em 06/09/2025).

tro, inclusive atos de intolerância e crueldade, transformando eventos que beiram a barbárie em produtos mercadológicos rentáveis. Incrivelmente, estudos revelam² que existe um interesse mórbido da audiência por assistir ao sofrimento humano, sendo o que alimenta a propagação desses acontecimentos nas mídias, inclusive nas digitais, transformando o desentendimento humano (violência, intolerância etc.) num objeto de consumo de alta lucratividade.

O impacto do movimento midiático frenético que interliga o mundo, com transmissão simultânea de acontecimentos trágicos e violentos, em tempo real, evidenciam e aprofundam a erosão do universo das significações simbólicas, comprometendo assim, os processos de identificação entre os sujeitos que partilham esse tempo histórico que recebe as mais diversas nomeações⁴ para realçar a incerteza, a precariedade e a fragilidade das relações sociais, marcadas pelo "crepúsculo do dever" e a redução da ética em claro antagonismo com o sentido de coletividade, e uma explícita priorização dos direitos individuais. Essa configuração social desafia a exigência

de se viver em coletividade sem renúncias pulsionais e sem a construção de projetos identificatórios entre os humanos.

> A ordem simbólica é o polo fundamental da alteridade que funda o psiquismo no registro da representação contrapondo-se à anarquia e à insistência por descarga das forças pulsionais. Sua consistência é necessária para que o sujeito se constitua não como identidade, mas como projeto identificatório. Seu fracasso pode conduzir o sujeito ao limite do colapso (Souza, 2005, p. 38).

Se é verdade que sem o estabelecimento de laços identificatórios os seres humanos encontram-se com o limite do colapso subjetivo, é plausível afirmar que a dessimbolização dos laços sociais seria o anúncio de um mundo em colapso?

Realizei estudos (Ferreira, 2008) que problematizam as mídias televisivas locais, que disputavam uma audiência movida pelo desejo insano (sádico, talvez) de ver conteúdos que expunham o trágico e o grotesco em sua versão mais vil e execrável. Naquele tempo, as empresas televisivas tinham o monopólio da comunicação e a exclusividade na transmissão de conteúdos midiáticos. Hoje a realidade da comunicação mudou e cada sujeito, que tem a posse de um Smartphone, pode produzir conteúdos e transmiti-lo em rede, numa escala mundial. De fato, a sociedade que ocupava um lugar de simples espectadora, passou à posição de produtora de conteúdos que podem alimentar o entendimento e/ou desentendimento humanos, dependendo da postura que adotar.

Modernidade Líquida (Zygmunt Bauman), Sociedade de Risco (Ulrich Beck), Sociedade Pós-Moralista (Gilles Lipovetsky), Modernidade Tardia (J. Habermas), dentre outras.

Expostos a uma realidade comunicacional que não faz pausas, os internautas são interpelados ininterruptamente⁵, ao tempo em que também se expõem excessivamente, fazendo das redes sociais uma espécie de confessionário (Ver Bauman, 2007). A distorção da liberdade de expressão e de pensamento, assemelha o mundo real e a realidade virtual a uma Torre de Babel. Assim, o que foi criado aparentemente para comunicar, produz perturbações comunicacionais que aprofundam as zonas de conflito na sociedade. A cada dia, as violações dos direitos humanos ganham espaço nas publicações virtuais, aprofundando as rupturas que hoje já são abissais no tecido social. Na verdade, no mundo digital acontecem as mesmas contradições, ambiguidades e equívocos de linguagem (esquecimentos, lapsos e atos falhos nas trocas virtuais) que revelam o inconsciente dos seres falantes.

A despeito de o desentendimento humano estar presente em todos os quadrantes da história humana, há que se reconhecer que nesta Era Digital, ampliaram-se os pontos de contato entre os sujeitos que, como

internautas, participam de redes e comunidades virtuais que assumem características de um fenômeno de massa. Assim, ouso trazer alguns conceitos de Freud para pensar a complexidade desse movimento de massa circunscrito à realidade virtual, a despeito de Freud não ter vivenciado, evidentemente, a magnitude desse fenômeno que afeta, direta ou indireta, todos os viventes que protagonizam esse tempo histórico marcado pela urgência e velocidade que imprimem uma certa superficialidade ao sentido do estar no mundo. Acompanhada por Freud, busco apontar alguns aspectos do movimento de massas que ajudam a decifrar o que vem acontecendo no ambiente virtual que amplificou os desentendimentos humanos neste mundo hiperconectado em redes sociais.

A demanda por curtidas, likes e expressões de satisfação através de emojis etc., faz com que os internautas fiquem numa condição de constante avaliação e busca de reconhecimento.

A PRIMAZIA DO IMAGINÁRIO NAS RELAÇÕES CIRCUNSCRITAS À REALIDADE VIRTUAL: UM FENÔMENO DE MASSA?

Em "Psicologia das massas e análise do eu", Freud (2011) afirmou: "na massa, as particularidades dos sujeitos desaparecem; o heterogêneo submerge no homogêneo. A estrutura psíquica dos sujeitos é desmontada, desabilitada e o fundamento do inconsciente comum a todos é posto a nu (torna-se operante)" (Freud, 2011, p. 20). É absolutamente coerente pensar que as trocas comunicacionais circunscritas aos espaços virtuais, através de plataformas digitais e redes sociais⁶, envolvem sujeitos (internautas) que, embora não saibam, estão regidos pelas artimanhas do inconsciente.

A postura subjetiva adotada pelos internautas assemelha-se ao que Freud delineou como comportamento de massas, em que os sujeitos, impulsionados pela lógica dos grupos, sentem-se invencíveis e, por isso mesmo, tendem a agir sob o "descontrole dos impulsos", exercendo seu máximo poder. Na conexão das redes sociais, os su-

jeitos tendem a ceder ao descontrole, apagando a consciência moral e subtraindo o sentimento de responsabilidade em relação aos seus atos. Freud refere-se ao sentimento contagioso que envolve os participantes dos movimentos de massa, tornando-os dispostos a sacrificar seus interesses pessoais em função dos interesses do coletivo (Ver Freud, 2011, p. 22). Enxergo nas dinâmicas das redes e plataformas digitais esse movimento de homogeneização do pensamento e uma tendência à exclusão dos diferentes, atitude que desestimula o diálogo e subtrai a capacidade reflexiva dos seus participantes, potencializando gestos impulsivos, violações de direitos e atitudes explosivas que colaboram com o aprofundamento das fraturas no tecido social, que sugere uma dessimbolização dos laços sociais.

As redes sociais mais usadas no Brasil em 2024 e 2025 incluem WhatsApp, Instagram, Facebook, YouTube e TikTok, com o WhatsApp a liderar em popularidade e uso para comunicação. Outras plataformas como Facebook Messenger, Telegram, Pinterest, X (Twitter) e LinkedIn também têm um número significativo de usuários no país.

Com o apagamento da consciência moral, cresce o volume de sujeitos que se posicionam, sem constrangimento, em defesa de pensamentos retrógrados e posturas conservadoras, racistas, misóginas e machistas que reforçam a secular estrutura patriarcal que produz e reproduz tantas desigualdades e injustiças sociais. Sem qualquer embaraço, alguns internautas desprezam, discriminam e marginalizam àqueles que pensam e sentem de forma diferente das que eles defendem, no campo da sexualidade, da religiosidade, da política etc. É nesta conjuntura que os discursos de ódio e a intolerância ganham expressividade nos espaços midiáticos, com graves consequências para o processo civilizacional que passa a se mover em terreno extremamente incerto e movediço.

É notório como, para alguns, o estar atrás das "telas" cria uma espécie de coragem subjetiva inexistente nas relações presenciais. A invisibilidade corpórea⁷ das relações internáuticas favorece a ultrapassagem de fronteiras, além de facilitar a violação de interditos que, no espaço presencial, teriam mais chances de serem preservados (Prioste, 2020, p. 48). Por tudo isso, visuali- ção pela via da sugestão",

zo uma maior disposição à permissividade⁸ (hostilidades, iniquidades e injustiças) nos espaços virtuais que estão, cada vez mais, marcados pelo desentendimento, intolerância, desrespeito e indiferença; comportamentos facilitados pela distância corpórea. A cultura dos cancelamentos e as práticas de linchamentos digitais são a expressão maior desse movimento subjetivo violento e abusivo protegido pelo distanciamento das "telas".

Outro aspecto que Freud (2011) identificou no comportamento das massas, e que pode-se encontrar no comportamento dos internautas, é a perda de capacidade intelectual de discernimento e reflexão; postura que facilita a adesão à atitudes impulsivas, sem a mediação da razão. Nesse sentido, ficam mais inclinados a agir sob uma "orienta-

Jonathan Haidt (2024), define o "mundo virtual" como aquele em que as relações e interações sociais acontecem de forma "assíncrona" e "descorporificada". Geralmente é a comunicação de um para muitos, em um ambiente "sem custos de entrada e saída", no sentido de ser simples bloquear pessoas ou sair do ambiente quando não se sente correspondido ou satisfeito. (Ver Haidt, 2024, p. 19).

Durfour (apud cit Prioste, 2020, p. 66), visualiza o mundo virtual como um "templo sadiano, em que todas as pulsões sádicas, masoquistas, escópicas e exibicionistas são estimuladas por meio da virtualização e fragmentação do corpo e da alma (...)". Seria um lugar em que se vive o "império das sensações", e em que o mundo tornou-se "um parque de diversões" (Prioste, 2020, p. 66).

submetendo-se ao "contágio dos sentimentos e das ideias sugeridas" no contexto das massas e das redes sociais. Dessa forma, os participantes tendem a absorver a "influência fascinadora" do líder, como se estivesse sob o comando de um "estado hipnótico". É, no mínimo, curioso pensar porque, mesmo sendo culto, um sujeito é capaz de "descer vários degraus na escala da civilização" agindo como um bárbaro, quando está sob o comando do movimento de massas (Freud, 2011, p. 23).

A massa é impulsiva, volúvel e excitável. É guiada quase exclusivamente pelo inconsciente. Os impulsos a que obedece podem ser, conforme as circunstâncias, nobres ou cruéis, heroicos ou covardes, mas, de todo modo, são tão imperiosos que nenhum interesse pessoal, nem mesmo o da autopreservação, se faz valer (Freud, 2011, p. 25).

A massa é influenciável, crédula, acrítica, o improvável não existe para ela. Os sentimentos da massa são sempre mais simples e muito exaltados. Vai prontamente a extremos; a suspeita se transforma em certeza rapidamente; uma antipatia se torna em ódio selvagem. Inclinada aos extremos e exageros; excitada por estímulos desmedidos (Freud, 2011, p. 25).

Ainda Freud esclarece porque os integrantes das massas se submetem às sugestões do líder de forma irrefletida. Segundo ele, a ilu-

são de que o líder ama todos igualmente desencadeia um processo de identificação e um sentimento de igualdade entre os membros que compõem a massa. Como integrantes da massa, os indivíduos "são movidos pela necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles [os líderes], talvez, então, por amor a eles [os líderes]" (Freud, 2011, p. 45).

Inspirada nessas reflexões de Freud, visualizo posturas impulsivas e em descontrole inscritas nos espaços virtuais, em que muitos deixam de lado qualquer observância aos princípios éticos e valores morais, autorizando-se despejar nas mídias suas "verdades" sem qualquer responsabilidade quanto às consequências deste ato. E, esse descuido propaga-se como vírus que se transmite por contágio, em que a publicização de atitudes desrespeitosas de uns, autoriza o desrespeito de todos.

Na Era Digital em que se vive uma crise de legitimidade da política e um profundo descrédito nos processos políticos de articulação da coletividade em defesa de direitos sociais, seria pertinente pensar que os *influencers* digitais assumem

um lugar de liderança, oferecendo sugestões sobre a melhor forma de ser e estar na vida? Adotando o discurso capitalista, os *influen-cers* não hesitam oferecer fórmulas para a felicidade, fazendo promessas de completude pela via do consumo de objetos, além de garantias de sucesso com a medicalização da vida, uma estratégia "científica" para tamponar o vazio da existência. Urge enfrentar a discussão sobre os efeitos do enfraquecimento da capacidade crítica e do declínio da reflexividade entre os seres falantes, identificando sua repercussão no processo de desentendimento humano e dessimbolização dos laços sociais.

O MUNDO VIRTUAL E O PROCESSO DE DESSIMBOLIZAÇÃO DOS LAÇOS SOCIAIS: ALGUNS CAMINHOS DE REFLEXÃO

Como foi dito, a vida em sociedade pressupõe o estabelecimento de laços sociais mediados pela palavra e pelo "dom" da simbolização que se faz o único caminho pelo qual a realidade pode chegar ao sujeito, mantendo-o na condição de ser falante (Lacan, 1998, p. 323). É a linguagem que inscreve os sujeitos no campo social e possibilita a construção de vínculos que dão suporte e sustentação à vida em coletividade.

O compromisso intergeracional com a transmissão da Cultura (crenças, valores,

princípios, ritos, regras, sentidos e significados etc.) tem sofrido abalos no mundo virtualizado que assume o semblante de uma realidade sem comando, sem limites e sem fronteiras. O declínio da Lei e da alteridade fazem crescer a ilusão de que "tudo é possível", ou que "nada é impossível" sob a face da terra. Nessa Torre de Babel cibernética, os equívocos da comunicação produzem rupturas, particularmente quando faz-se um uso desvirtuado da "liberdade de expressão", com falas descomprometidas com a ética do respeito e da responsabilidade, gerando conteúdos que se enquadram perfeitamente na legislação brasileira como criminosos. A "certeza" da impunidade favorece essa tal liberdade de expressão e pensamento, aprofundando os desentendimentos na Torre de Babel virtual, em que o pensar, o julgar, o agir e o se expressar distanciam-se da "regra de ouro" que comanda o jogo democrático: a "A minha liberdade termina onde começa a do outro". Esse aforismo significa que o limite da liberdade de alguém está no respeito pelos direitos e liberdades dos demais. O direito de agir de acordo com suas próprias vontades, exige

que suas ações não prejudiquem, interfiram ou causem danos à liberdade alheia.

As fake news, a produção de pós--verdades, as práticas invasivas e persecutórias de cyberstalking e os vazamentos de dados configuram-se crimes cibernéticos que vulnerabilizam os internautas e revelam a dessimbolização dos laços sociais, implicando na ausência do compromisso com a transmissão da Cultura para novas gerações. É, no mínimo, estranho existir uma plataforma nomeada de Dark Web⁹ que incentiva práticas fora da lei, vendendo informações pessoais usurpadas, comercializando bens roubados, além de acolher um submundo cibernético que dá guarida à pornografia e à prostituição virtuais, aos jogos de aposta, ao tráfico de drogas e de pessoas. É desconcertante constatar que a Dark Web aloja sites que incentivam ao suicídio, ensinam a aplicação de golpes, praticam pedofilia e podem viabilizar contato entre terroristas. Essa prática perversa facilitada pelas redes e plataformas digitais, reforçam a desvalorização da vida e acolhem a banalização da morte, e, consequentemente, representam uma dessimbolização dos laços sociais.

Cláudia Prioste (2020) aponta a gravidade de uma indústria cultural global que investe no consumo e na inserção ilimitada de jovens à realidade virtual, comprometendo sua capacidade reflexiva e simbólica, favorecendo a manipulação de suas "fantasias perverso-polimorfa" e a sua "adesão irrefletida à *sites* que reforçam "as perversões ordinárias como forma predominante de subjetivação psíquica" (Prioste, 2020, p. 99). Nesta mesma direção, Charles Melman (apud cit Prioste, 2020) argumenta que "a sociedade contemporânea estaria passando de uma economia da repressão para uma economia da excitação do gozo, de uma fase da representação para uma fase da apresentação, marcada por um novo tipo de relação com o objeto, que desprezaria a mediação simbólica e a renúncia do objeto amado" (Prioste, 2020, p. 90). Assim, o direcionamento das pulsões sexuais para o mundo tecnológico e para o consumo de objetos virtuais, com um forte caráter narcísico de satisfação ilimitada dos prazeres, evidencia uma incitação ao prazer desmedido que dificulta a juventude lidar com a castração. Cláudia Prioste (2020) reafirma os argumentos de Lebrun que também defende a hipótese da constituição de uma nova estrutura psíquica, nos seguintes termos:

O discurso técnico-científico tem contribuído para uma imersão do sujeito no mundo imaginário, em detrimento do mundo simbólico que tende a tornar-se cada vez mais virtual. A disseminada ilusão de que 'tudo é possível' ou 'nada é impossível' faz alusão a uma satisfação plena que impossibilitaria a confrontação com o interdito estrutural do sujeito do desejo (Prioste, 2020, p. 91).

Outro aspecto que aponta para a complexidade do jogo das relações sociais no mundo contemporâneo é a publicização da intimidade nos espaços virtuais, incentivando práticas de voyeurismo e exibicionismo, movida pelo desejo de ver e de ser visto, que produz fortes impactos na economia psíquica dos sujeitos, particularmente dos mais jovens. Só cresce a publicação de registros fotográficos que expõem corpos desnudos, intimidades sexuais, além da exposição de práticas corriqueiras do cotidiano (o que come e bebe, onde se en-

contra), publicizando, muitas vezes, experiências grotescas e bizarras que, sem mediação da castração, fragilizam os vínculos e contribuem para a dessimbolização dos laços sociais. Essa imprecisão das fronteiras entre o público e o privado, materializada na exposição da vida pessoal no espaço público das redes sociais, revela a condição a que muitos internautas se submetem, como uma espécie de humilhação, que se traduz jocosamente pelo novo cogito: "Posto, logo existo!".

Há uma certa postura de "servidão voluntária" entre aqueles que se prestam à expor sua privacidade, desmedidamente, nos meios digitais, assim como entre os que se dispõem a cascavilhar a vida dos outros, com práticas projetivas e introjetivas que embaralham o limiar entre o eu e o outro. Enxergar a si mesmo e ao mundo pela mediação do "olho digital", através das câmeras acopladas nos Smartphones, também é revelador de uma postura individualista que se concretiza na explosão de "selfies narcísicos" nesta Era Digital. Se antes, a sociedade participava do jogo da comunicação apenas na condição de receptores de conteúdos midiáticos, hoje assume a condição de "captadora" e "postadora" de imagens digitais¹¹.

Evidentemente, o mapeamento de todas essas questões não esgota a complexidade do tema, mas pode servir de fio condutor para uma melhor visualização do cenário atual que apresenta uma fragilidade nos vínculos, um esgarçamento dos laços e uma certa desilusão com o futuro, porque, dentre outros fatores, a vida se transformou no aqui e agora dos acontecimentos que imprimem uma urgência e aceleração na existência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem conclusões, finalizo com algumas indagações que mantêm o debate em aberto: existe alguma correlação entre o processo de virtualização da vida e o processo de dessimbolização dos laços sociais? É possível barrar a primazia do Imaginário presente nas relações virtuais, em favor do fortalecimento das trocas simbólicas? Em que medida a superficialidade e a velocidade das comunicações, a proliferação de informações acompanhadas de apelos e demandas ininterruptas por meio das redes sociais, interferem nas

trocas simbólicas e, consequentemente, na estruturação dos laços sociais
na contemporaneidade?
Até que ponto a dessimbolização dos laços sociais
significa algum prenúncio
de desastre civilizacional
em curso?

Nesses termos, o tema apresentado permanece inconcluso e inacabado, e convoca a Psicanálise e os psicanalistas ao trabalho. O mundo que acontece on-line e a realidade virtual que bate à nossa porta, impõem-se como um Real que, a despeito do impossível de ser simbolizado, pede simbolização. É preciso reconhecer que a nanotecnologia e a cibernética alteraram, definitivamente, a face do Universo, não só por fazer circular milhares de satélites e GPS na órbita terrestre; mas, também, por imprimir uma nova dinâmica e configuração nas relações sociais, culturais, políticas e econômicas. O

Um fato novo, nesta dinâmica das redes sociais, é o fenômeno da monetização das plataformas digitais que alterou a forma de consumo e transformou a inserção na internet como um meio de vida para criadores de conteúdos que expõem seu estilo de vida e intimidades com a finalidade de atrair seguidores, estimulando-os ao consumo que se reverte e, pagamento das marcas consumidas, por meio de comissões e contratos de publicidade.

próprio sentido de tempo e espaço estão alterados pelo encurtamento das distâncias e a simultaneidade do acesso às informações que circulam num mundo globalizado.

Não são poucos os impactos da era digital na vida atual, senão vejamos: a potencialização dos mercados; a comunicação intercontinental, em tempo real; o mundo dos entretenimentos, como jogos digitais e tv à cabo, plataformas de música (Spotify) e filmes cinematográficos em plataformas digitais (Netflix, entre outras). A possibilidade de fazer visitas virtuais a Museus, nos quatro cantos do universo, e de ter acesso à produção editorial de ebooks e bibliotecas virtuais são ganhos incalculáveis. Conquistas civilizacionais que transformaram a forma do ser humano Ser e Estar no globo terrestre, representando um divisor de águas na história da humanidade. Essa nova realidade virtual, que veio para ficar, pede reflexões. Sem demonizar, evidentemente, as tecnologias digitais, é importante pensá-las em favor do humano, e não apenas do Capital. Pois, é desumano impor um mundo sem pausas, sem limites e sem fronteiras, na esfera do trabalho, do lazer, do consu-

mo e do entretenimento. Ainda não se sabe os efeitos da revolução digital no futuro das novas gerações; mas, já se sente o impacto deste mundo nas gerações que viveram o mundo analógico e precisaram adotar essa dinâmica digital para poder acessar bancos, frequentar aeroportos, participar do mundo do consumo, e até, acessar cardápios em restaurantes que adotaram um atendimento digitalizado.

Ainda não se sabe os impactos da Inteligência Artificial (IA) que propõe criar uma rede de neurônios artificiais que imitam a estrutura e as funções do cérebro humano, de forma que a máquina reproduza a mente humana, e tenha recursos para tomar de decisões, fazer reconhecimentos, memorizar emoções e reagir em situações sociais como um ser humano¹². Chamou atenção uma matéria jornalísVer em https://cloud. google.com/learn/ what-is-artificialintelligence?hl=pt-BR. Acesso em 06/09/2025.

tica intitulada "No divã com a IA: os jovens que fazem terapia com bots de inteligência artificial"¹³, publicada do site g1.globo.com, e republicada pela BBC, em 07/01/2024, que afirma já existirem mais de 470 bots¹⁴, que se apresentam como personas capazes de ajudar a quem está em sofrimento subjetivo. Falam em diversos idiomas e se identificam como "terapeutas", "psicólogos" e "psiquiatras". Há registros de que são acessados, diariamente, por 3,5 milhões de internautas. Essa realidade ainda precisa ser investigada para se ter uma noção dos efeitos subjetivos de máquinas ensaiadas para dar respostas e sugerir atitudes a pessoas que vivem momentos de solidão ou desespero.

Diante de tantas incertezas produzidas pelas inovações tecnológicas e pelo mundo digitalizado, resta uma certeza: a Psicanálise não pode se furtar a essas reflexões, sob pena de não estar à altura de alcançar a subjetividade do seu tempo.

REFERÊNCIAS

Bauman, Zigmunt (2007). Vida Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Espinoza, Marina P.V e Zanotti, Suzane V. (2017). Fibromialgia e psicose: a dor e suas funções. In A face crônica da dor. Org. Besset, Vera L. e Zanotti, Susane (pp.87 –118). Maceió: EDUFAL.

Ferreira, Ruth V.L (2008). O Poder e a Cultura de Violência no Estado de Alagoas. Maceió: EDUFAL.

Freud, Sigmund (2011)
Psicologia das massas
e análise do eu. In Sigmund Freud. Obras
completas (1920–1923).
Vol 15. (pp 13–113), São
Paulo: Companhia das
Letras. (Trabalho original
publicado em 1921).

Haidt, Jonathan (2024).
A geração ansiosa.
Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de
transtornos mentais.
São Paulo: Companhia
das Letras.

https://g1.globo. com/saude/ noticia/2024/01/07/ no-diva-com-a-iaos-jovens-que-fazemterapia-com-bots-deinteligencia-artificial. ghtml. Acesso em 06/09/2025.

Os bots são baseados em personagens reais ou fictícios, que prestam serviço de atendimento psicológico, apresentando-se como "alguém que ajuda nas dificuldades da vida".

Lacan, Jacques (1998). Função e campo da fala e da linguagem. In *Escritos*. Campo Freudiano no Brasil (pp. 238–324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1953).

Prioste, Cláudia (2020). O adolescente e a internet. Laços e embaraços no mundo virtual. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp.

Souza, Maria Laurinda Ribeiro (2005). *Violên-cia*. Coleção Clínica Psicanalítica, São Paulo: Casa do Psicanalista.

O HIPER-REALISMO DE GIOVANI CARA-MELLO: UMA LEITURA PSICANALÍTICA¹

STELLA MARIS S. MOTA

Psicóloga Clínica (CESMAC), Especialista em Psicologia Social (UFAL), Mestra em Literatura Brasileira (UFAL), Psicanalista e membro do GPAL.

RESUMO

A era contemporânea nos trouxe transformações rápidas e profundas de natureza social, econômica e tecnológica, ampliando saberes, encurtando distâncias e dilatando limites. Porém, o sofrimento psíquico chegou junto, denunciando a fragilidade emocional e a angústia. Nesse cenário, a arte de Giovani Caramello reflete a subjetividade com toda a sua riqueza e singularidade, nos provocando a nos reco- miques et technologiques

nhecermos e a ressignificar a vida.

Palavras-chave: fantasia; falta; subjetividade; simbolização; ressignificação.

RÉSUMÉ

L'ére contemporaine nous a apporté des transformations sociales, éconoTrabalho apresentado na XIV Jornada de Psicanálise do GPAL intitulada "Por uma psicanálise implicada com o sofrimento contemporâneo"

rapides et profondes, élargissant les connaissances, réduisant les distances et repoussant les frontières. Cependant, la soulffrance psychologique est également apparue, révélant la fragilité et l'angoisse émotionnelles. Dans ce contexte, l'art de Giovani Caramello reflète la subjectivité dans toute sa richesse et sa singularité, nous incitant à nous reconnaître et à redéfinir la vie.

Mots-clés: Fantasme; manque; subjectivité; symbolization; resignification.

INTRODUÇÃO

Com a proposição de compreendermos melhor o impacto da arte de Giovani Caramello e suas ressonâncias psicanalíticas, buscamos pesquisar e refletir sobre este artista pioneiro do hiper-realismo brasileiro, sobre a história da arte e o seu diálogo com a psicanálise.

Lembrando, de início, que a arte e a subjetividade se entrelaçam, trazemos a questão que acompanha as atividades artísticas desde os primórdios da humanidade: a arte representa o que vimos ou o conhecimento de uma época?

O PERCURSO HISTÓRICO DA ARTE

Começamos nosso percurso com a arte egíp- Essa ideia só chegou com a Renas- cia (3000 a.C), cujo objetivo maior era repre- cença (séc. XIV ao séc. XVI), quan-

sentar na imagem aquilo que julgavam saber e não o que era percebido visualmente.

Já na arte chinesa (1600 a.C) o intuito era a contemplação despertada através das formas esquemáticas. Nessa perspectiva, a arte greco-romana (séc. VIII a.C ao séc V d.C) colocou "vida" nas formas esquemáticas, sugerindo movimento para contar as histórias sagradas.

Chegando ao ano 1789 com a desconstrução ideológica do absolutismo monárquico, dos privilégios do clero e da nobreza, que culminaram com uma extrema desigualdade social, veio a revolução francesa. Então, os artistas imbuídos pelo espírito de construir novas formas de pensar, começaram a experimentar e a lançar novas maneiras de combinar padrões, surgindo, assim, a Art Nouveau.

É importante notarmos que até esse ponto da história, os interesses se voltavam para a representação do saber, da contemplação, dos estilos de vida, do sagrado, da experimentação do novo e nenhum desses estilos artísticos objetivaram pintar o que era capturado pela visão. Essa ideia só chegou com a Renascença (séc. XIV ao séc. XVI), quan-

do os artistas quiseram representar o mundo ao redor, conciliando as técnicas do esfumaço, as cores dos venezianos, o movimento e a expressão, com um desenho límpido. Porém, alguns artistas resistiram a esse modelo renascentista e se rebelaram ao longo do tempo. Dessa forma, os rebeldes do século XIX se determinaram a quebrar as convenções artísticas e surgiu o Impressionismo.

Os impressionistas proclamaram que seus métodos permitiam transferir, com precisão científica, o ato da percepção visual para a tela. Entretanto, sabemos que é impossível separar a percepção da vivência emocional, ou seja, os sentimentos dão "colorido" às percepções objetivas e interferem nas lembranças, deixando aos impressionistas a ambiguidade dos efeitos de sua técnica. Nessa sequência e em sentido oposto, chega o movimento expressionista, cujo intento era a expressão dos sentimentos, ainda que para isso se "distorcesse" a realidade, usando-se de cores fortes e formas agressivas para evidenciar a angústia de uma época. Dessa forma, os expressionistas estavam mais próximos da condição humana, pois eram inspirados pelo sofrimento, pela pobreza, pela violência e pelas paixões. Seu interesse era refletir a crueza da existência humana e expressar compaixão pelos desvalidos e feios. Evitavam, assim, a beleza idealizada, o refinamento e a impressão decorativa. Tratava-se de um esforço para olhar, ver e representar com clareza a realidade.

No final do século XIX surgiu na França o movimento artístico e literário chamado Realismo. O Realismo repudiava a artificialidade do neoclassicismo e do romantismo e objetivava representar o cotidiano, principalmente o cotidiano dos trabalhadores, flertando, assim, com o socialismo.

Chegamos ao século XX, quando Van Gogh e Gaughuim incentivaram os artistas a abandonarem a superficialidade de uma arte excessivamente refinada. A exigência era para que as formas fossem diretas, as cores intensas e ousadas, porém sem perder a harmonia.

Note-se que o pensamento vigente do século XX se voltava para a crítica aos grandes sistemas com ênfase na liberdade e na subjetividade. Aqui, a psicanálise teve um papel relevante para o entendimento dos anseios humanos e influenciou a arte. Nesse percurso, vêm os surrealistas, os quais foram fortemente influenciados pelos escritos de Freud. Foi a ideia de que o inconsciente rege a percepção e a ação que levou os surrealistas a afirmarem que a arte não pode ser reproduzida plenamente pela razão desperta, embora a razão esteja presente em

cada criação artística. Há algo da subjetividade que escapa à crítica racional e se corporifica na arte, se assemelhando a elaboração onírica, usando de elementos do inconsciente através das metáforas e dos simbolismos.

É perceptível que o artista do século XX ressignificava sua obra a cada pincelada, enquanto ela se desenvolvia com erotismo. Para melhor entendermos como esse processo era contínuo, trazemos à lembrança os trabalhos de Salvador Dali, nos quais cada traço dos seus desenhos representa coisas diferentes ao mesmo tempo em que se multiplicam os significados em cada cor e em cada forma, se aproximando, com isso, da premissa psicanalítica de que os encadeamentos dos significantes trarão sentido, como um trocadilho de palavras pode revelar vários significados.

Em 1960, nos E.U.A, surgiu o movimento Hiper-realismo, almejando trazer a atenção para a vida banal, através da reprodução precisa da foto. O interesse era chamar a atenção para os aspectos da vida cotidiana e para tudo que no automatismo do dia a dia passava despercebido. Note-se que o "despercebido" em questão eram a cenas e os objetos, não as pessoas em sua singularidade.

O Hiper-realismo americano tomou por base o Fotorrealismo, buscando uma técnica apurada e se colocou em reação ao Expressionismo abstrato e a arte conceitual.

Na década de 60 à 70, a cultura norte-americana de consumo, alimentada pelo avanço tecnológico e industrial, impregnou o Hiper-realismo americano
com os temas urbanos e comerciais,
trazendo uma valorização poética do banal, mas, por vezes, também abrindo uma crítica implícita
ao materialismo e a superficialidade.
Sua importância estava em desafiar
as expectativas e as reflexões sobre a
natureza da imagem e da representação visual.

Fundamental se faz que entendamos algumas diferenças: enquanto
o Realismo representa a realidade
de forma excessivamente objetiva, o
Hiper-realismo cria obras quase indistinguíveis da realidade, desafiando a percepção e, ao mesmo tempo,
abrindo a perspectiva imaginativa.
Comumente, essas obras são em escalas muito grandes e com detalhamento em sombras e texturas,
ampliando a nossa percepção e instigando a fantasia do observador.

QUEM É GIOVANNE CARAMELLO?

Giovani Caramello é o primeiro artista hiper-realista do Brasil e pioneiro do hiper-realismo escultural. Suas obras são de uma grande riqueza de detalhes: pele, poros, pelos

e expressões emocionais. É, também, um dos fundadores do Instituto de Escultura Realista, responsável por exposições e ensino.

Giovani é um artista autodidata e teve na infância um ambiente propício à criação artística com a presença inspiradora de sua mãe que confeccionava tapeçaria e deixava ao alcance do filho telas, giz, carvão, papéis e, principalmente, a liberdade para criar os seus próprios desenhos. Aos 18 anos de idade, Caramello se descobre capaz de dar sua contribuição para a produção de filmes, séries e games, utilizando a modelagem 3D. Seguindo sua vocação, trabalhou em estúdio de animação com renomados nomes do mercado de artes: Cícero D'Ávila e com o israelense Israel Kislansly.

Seu processo de trabalho leva semanas, começando por passar as ideias para o papel. Ideias, essas, inspiradas em imagens cotidianas e em pessoas de sua convivência. Em seguida, o desenho toma a forma 3D e lhe são adicionados os detalhes e imprimido em tamanho real. Segue-se a modelagem em plastilina e, sobre essa base, são colocadas as texturas. Então, ele molda as peças com resina e demais materiais e, finalmente, passa para a etapa da pintura à mão.

O que se destaca na criação de Caramello é que seu esmerado trabalho começa a partir das suas emoções e se amplia para a universalidade dos sentimentos de sua época. Sua poética abraça temas como a solidão, a angus-

tia, a melancolia, cravadas no corpo humano, sobretudo nas expressões faciais. Ele afirma não ter a intenção de confundir o expectador, fazendo suas obras parecerem "pessoas reais" e, por isso, trabalha com escalas menores ou muito maiores que a humana. Com isso, ele deixa um espaço para a fantasia do observador, enquanto suscita narrativas de introspecção. Suas esculturas têm temas sempre muito instigantes: "Onde habitam meus demônios?" (2022); "Sozinho" (2013); "Ansiedade" (2013); "Segunda chance" (2022); "A espera" (2022); "Casulo" (2024); "Ready-made" (2020); "Menino" (2022); "À deriva" (2022); entre outras.

O hiper-realismo brasileiro, através de Giovani Caramello, traz notáveis diferenças em relação ao hiper-realismo norte-americano. Em Caramello o hiper-realismo não é apenas a realidade hipertrofiada. Suas esculturas se confundem com as projeções decorrentes da sua subjetividade e, propositalmente, por estarem em escala maior que a normal não se confundem com o banal cotidiano; não é algo simplesmente perceptível aos olhos, ressoam para a intimidade emocional do

observador. A vida e o presente é a essência de sua obra. Sua intenção é que o espectador não pare sua experiência na primeira impressão visual, mas que faça uma imersão nos temas da condição humana universal como a dor, a angústia, o abandono, o arrependimento, a morte, a nostalgia, a fragilidade humana. Para evidenciar essas asserções, tomo como destaque o seu primeiro trabalho intitulado "Sozinho" (2013), o qual nos traz a imagem de um adolescente com capa de super-herói, explicitando nas expressões corporais e no olhar, a difícil transição da infância para a adolescência. Nessa obra, como nas demais, há uma comunicação tácita que acontece pela linguagem emocional escrita no corpo e que ressoa no espectador, suscitando lembranças e fantasias.

Neste ponto, retomo a questão que permeia a história dos movimentos artísticos para situarmos o hiper-realismo brasileiro através dos trabalhos de Caramello: a arte representa o que vimos ou o conhecimento de uma época?

UMA LEITURA PSICANALÍTICA

No percurso da história da arte, evidencia--se, tanto no autor como no observador, a experiência emocional e o desdobramento subjetivo das vivências de reflexão, crítica e encantamento. Para o autor, iniciar um trabalho artístico exige escutar o próprio íntimo e, também, o esforço de não suprimi-lo com a corpos seminus, "vestidos" apenas

crítica consciente; exige engendrar a experiência ímpar de sentir a si mesmo e fluir. Dessa forma, o artista é transpassado por sua própria obra, revelando a si mesmo o que antecede a razão. Ainda nesse seguimento, vemos que a "visitação" a uma obra de arte pode resultar na transcendência do olhar, ou seja, o observador sem saber, "capta" o que do inconsciente do artista toma corpo em seus trabalhos e abre de forma ambígua para múltiplos significados, fomentando as fantasias.

A narrativa lacaniana demonstra que a fantasia é construção simbólica imaginária para lidar com a falta. Então, podemos pensar o ato da criação e contemplação artística como uma maneira de "restaurar" simbolicamente a falta. Segundo Bollas (2015) nos identificamos subjetivamente com um objeto de arte porque ele evoca um estado de ego que existia na vida precoce, trazendo a sensação de lembrarmos de algo que não foi apreendido cognitivamente, mas reavivando uma memória do processo ontogenético.

As esculturas de Caramello nos remete ao impossível de ser dito e, por isso, ficamos absortos nelas. São da nossa humanidade e ressaltando a conexão com o mundo interno. Nelas poderemos encontrar o traço da melancolia e a súplica de uma segunda chance. Observa-se, também, a articulação de sua obra com as características da contemporaneidade: o medo, a melancolia, o isolamento, a vulnerabilidade afetiva.

O Hiper-realismo de Caramello traz a repercussão de uma marca individual que se dilata para o coletivo, se assemelhando a um objeto transformacional que se efetiva pela via do afeto.

Se nos permitirmos a contemplação genuína das obras de Caramello, não sairemos da mesma forma que chegamos. De acordo com Bollas (2015), "no momento estético, o sujeito revive, por um instante, por meio da fusão do ego com o objeto estético, uma sensação de atitude subjetiva, embora estas experiências sejam memórias que voltaram a atuar e não recriações" (p.53)

Concluímos, admitindo que a arte suscita as fantasias, que pode dar vazão as pulsões e, criativamente, ressignificar as adversidades da vida. A arte pode tornar inteligível uma era, provocando reflexões sobre o que escapa à compreensão da subjetividade. A arte nos permite a possibilidade de não sermos completamente diluídos nos movimentos de consumo. O hiper-realismo de Caramello, assim como a psicanálise, está implicado nas reflexões sobre o sofrimento contemporâneo

e reverbera no compromisso de repensar a condição humana.

Retomamos a pergunta que percorre a história da arte: a arte representa o que vimos ou o conhecimento de uma época? Vemos no diálogo das obras de Caramello com a psicanálise que a arte não representa somente o que vemos porque transcende a imagem, e não representa plenamente o que sabemos porque evidencia o mascaramento cultural sobre a fragilidade humana. Contudo, a arte foi e continua sendo um caminho criativo, transformacional e possível a todos os estratos sociais para repensar o viver genuinamente.

REFERÊNCIA

Bollas, Christopher (2015). A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado. São Paulo: Escuta.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Escritório de Arte.com. Biografia Giovani Caramello. 2025. Disponível em: https://www.escritoriodearte. com/artista/giovani-caramello Gombrich, E.H. (2001). *A História da arte*. Rio de Janeiro: LTC.

Jorge, Marco Antonio Coutinho (2000). Fundamentos da psicanálise de Freud à Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Levisky, David Leo (2012). O Hiper-realismo interfere na produção da fantasia? *ALTER: Revista de Estudos Psicanalíticos*, 30, pp. 83-94.

Silva, Ana Carolina Nunes (2014). Arte e psicanálise: uma nova abordagem sobre a subjetividade na cultura contemporânea. *Revista Palíndromo*, 11, pp.46–62. http://dx.doi.org/10.5965/2175234607132015045

Zipper Galeria. Nos bastidores da arte: Giovani Caramello. 2025. Disponível em: https://www.zippergaleria.com.br/blog/97-nos-bastidores-da-arte-giovani-caramello-co-nheca-o-processo-criativo-e-a-historia--por/

Fontes : Família Gotham e Leitura News Maceió, novembro de 2025 Publicado originalmente em novembro de 2025 em www.gpal.com.br



